

HIDEMBERG ALVES DA FROTA

O DESPERTAR DA ESPIRITUALIDADE

Reforma íntima, espiritualidade
e universalismo



EDITORA
Cia do eBook

HIDEMBERG ALVES DA FROTA

O DESPERTAR DA ESPIRITUALIDADE

Reforma íntima, espiritualidade e universalismo

2ª edição

2015

Distribuição gratuita



Copyright © Hidemberg Alves da Frota

A Cia do eBook apoia os direitos autorais. Eles incentivam a criatividade, promovem a liberdade de expressão e criam uma cultura vibrante. Obrigado por comprar uma edição autorizada desta obra e por cumprir a lei de direitos autorais não reproduzindo ou distribuindo nenhuma parte dela sem autorização. Você está apoiando os autores e a Cia do eBook para que continuem a publicar novas obras.

CAPA

Fabricao Hersoguenrath

REVISÃO

Bárbara Conte

DIAGRAMAÇÃO E CRIAÇÃO EPUB

Nicolas Broglio

ISBN

9788568227794

EDITORA CIA DO EBOOK

Rua Ataliba Souza Silva, 311

18860-000 - Conjunto Ermínio Maranhão

Timburi/SP

Website: www.ciadoebook.com.br

Facebook: [@CiadeoBook](https://www.facebook.com/CiadeoBook)

Twitter: [@CiadeoBook](https://twitter.com/CiadeoBook)

Dúvidas ou sugestões: sac@ciadoebook.com.br

Sumário

PARTE 1

DESPERTAR ESPIRITUAL, REFORMA ÍNTIMA E PROJETO DE VIDA

Capítulo 1	
A Parábola de <i>Matrix</i>	8
Capítulo 2	
Perseverança (1).....	12
Capítulo 3	
Educação e Autoiluminação	14
Capítulo 4	
Perseverança (2)	21
Capítulo 5	
Decisões Solitárias e Divisores de Água	24
Capítulo 6	
Reencarnação e Escolha Profissional	26
Capítulo 7	
O Retorno à Espiritualidade	29

Capítulo 8	
Encontros e Desencontros na Senda Evolutiva.....	32
Capítulo 9	
Vida privada, internet e espiritualidade	34
Capítulo 10	
Exemplo de Renovação Consciencial	36
Capítulo 11	
Reflexões sobre Suicídio e o Despertar Espiritual	38

PARTE 2

ÉTICA, CIDADANIA E ESPIRITUALIDADE

Capítulo 12	
Necessidades.....	42
Capítulo 13	
O Fator Ético	44
Capítulo 14	
Cidadania Planetária	46
Capítulo 15	
Assistência ao Próximo	48

PARTE 3
UNIVERSALISMO, SECTARISMO E LIBERDADE DE
CONSCIÊNCIA

Capítulo 16	
Como Combater o Fanatismo?.....	54
Capítulo 17	
O Mestre e o Discípulo	56
Capítulo 18	
Dualismos e Paradoxos da Seara Consciencial	57
Capítulo 19	
Liberdade de Consciência na Espiritualidade Laica e Secular	61
Capítulo 20	
Liderança Espiritual e Ponto de Mutação	63
Capítulo 21	
As Faces do Discernimento Consciencial	65
Capítulo 22	
As Faces do Espiritualismo Universalista	67
Capítulo 23	
A Universalidade do Sectarismo	75
Capítulo 24	
Espiritualismo Universalista, Pluralismo e Respeito à Opinião Divergente	77



PARTE 1

DESPERTAR ESPIRITUAL,
REFORMA ÍNTIMA E
PROJETO DE VIDA

A Parábola de *Matrix* ¹

O primeiro filme da trilogia *Matrix* demonstra a dificuldade em conhecer nossa missão de vida e de executá-la com fé, discernimento e adaptabilidade.

Sublinha Waldo Vieira:

A programação existencial é adaptável ou mutável, suscetível de renovações ou ampliações, conforme a complexidade do seu desenvolvimento e a extensão do universo consciencial ou intrafísico que abarca as suas tarefas. Evolução significa mutabilidade e renovação.²

“Há uma grande diferença entre conhecer o caminho e percorrer o caminho”, ensina Morpheus a Neo.

Em outros termos, filosofa Vivekananda:

Vi mapas da Inglaterra durante toda minha vida antes de ir até lá. Foram de grande auxílio para que eu fizesse uma ideia do país. No entanto, quando cheguei à Inglaterra, que diferença entre os mapas e o país! Esta é exatamente a diferença entre a realização e as Escrituras.³

No primeiro filme da série *Matrix*, evidencia-se o embate entre “a verdade vos libertará”⁴ (*O Evangelho Segundo João* 8:32) e “ignorância é benção”: a primeira induzindo o indivíduo à mutabilidade e ao

¹ Versão primitiva do artigo (intitulada “Matrix e espiritualidade”) publicada na revista *Comciência*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 56-57. Revisado em 26 de junho de 2010.

² VIEIRA, Waldo. *Manual da proéxis: programação existencial*. Rio de Janeiro: IIPC, 2003, p. 20.

³ VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004, p. 12.

⁴ A BÍBLIA SAGRADA. Niterói: FECOMEX, 1997, p. 89.

constante autoquestionamento sobre a sua percepção da realidade; a segunda o convidando à *neofobia*⁵, insuflando-o a se acomodar ao estado de aparência que o cerca e se tornar refém das comodidades materiais da existência transitória.

Afirma Lao-Tsé (*Tao Te Ching*, Poema 52):

Quem, em seu dever,
Permanece maleável e flexível,
Esse é forte.⁶

O que mais chama atenção na trilogia *Matrix* é a percepção do trio Neo, Morpheus e Trinity de que a programação existencial é compreendida por partes (em tiras, de forma fragmentária).

Enuncia a Codificação Kardequiana (*A Gênese*, Capítulo I, questão 50):

Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiá-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe-lhe a ele aproveitá-los e pô-los em obra.⁷

O indivíduo, por vezes, sabe o necessário para executar sua missão naquele instante específico de sua jornada evolutiva.

Mais adiante, conforme as necessidades e as possibilidades de momento evolutivo posterior, obtém noção mais clara.

Ao longo da reencarnação, trocamos a fé abstrata no porvir pela percepção mais acurada do projeto existencial a concretizar,

⁵ “A neofobia é o medo às novidades ou coisas originais, justamente o oposto da neofilia.” Cf. VIEIRA, Waldo. Op. cit., p. 66.

⁶ LAO-TSÉ. *Tao te ching*: o livro que revela Deus. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 129. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 136)

⁷ KARDEC, Allan. *A gênese*: os milagres e as predições segundo o espiritismo. 36 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 38.

tornando-se, passo a passo, evidente que sua execução, além de exequível, revela-se gratificante a ponto de a considerarmos indispensável.

De qualquer forma, é preciso respeitar (e ponderar sobre) as inclinações e as orientações emanadas de fortes intuições e de outras fontes de norteio, sem descartá-las automaticamente, caso não coincidam com o pensamento individual ou coletivo.

Preceitua Sêneca: “Desse modo, devemos discernir tanto aquilo para que tendemos quanto o meio de conseguir o desejado [...]”⁸

Seguir a visão de mundo da maioria e se robotizar, para não destoar da mentalidade dominante, esse caminho já conhecemos e já não nos satisfaz.

Prossegue Sêneca:

Ora, nada nos enreda em maiores males do que o fato de agirmos conforme a voz comum. Julgamos ser melhor o que é aprovado pelo consenso geral e, assim, vivemos à imitação dos inúmeros exemplos que se nos apresentam, e não conforme a razão.⁹

Completam Dalton Campos Roque e Andréa Lúcia da Silva:

Muitas vezes é preferível errar por nossa iniciativa do que acertar pela opinião dos outros. Aprendemos muito mais com nossos erros do que com nossos acertos.¹⁰

Embora o autodescobrimento seja viagem solitária que, às vezes, nos leva ao contrafluxo dos modismos e condicionamentos sociais, permite-nos maior paz de espírito e realização íntima do que a simples emulação do comportamento alheio.

⁸ SÊNECA, Lúcio Aneu. *Da vida feliz*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 2. (Breves Encontros)

⁹ *Ibid.*, p. 3.

¹⁰ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. *O karma e suas leis*. Curitiba: ISC, 2004, p. 219. (Coleção Coração da Consciência, v. 1)

Essa é a melhor mensagem subjacente da trilogia *Matrix*, nítida no primeiro filme, quando Neo, querendo sair do carro, é advertido por Trinity de que o caminho da rua ele já sabia aonde iria levá-lo.

Perseverança (1)

Não sabemos se o ano que se inicia será melhor que o ano anterior, nem que espécie de provações enfrentaremos, mas sabemos que precisamos continuar com a nossa caminhada evolutiva, apesar dos momentos de hesitação, incerteza e angústia.

Continuar com a nossa caminhada evolutiva, não em razão de elementos externos a nós, mas em *homenagem a nós mesmos*, ao tanto que, nesses milênios a fio, já enfrentamos e superamos, a despeito de tudo.

A jornada evolutiva é um percurso duro de *autoconhecimento*, *autoenfrentamento* e *autorrealização*.

Ninguém começa no topo da escala evolutiva.

É uma trilha permeada de provações e expiações, quedas e recomeços, em que somos convidados pela vida a superar nossas limitações externas e, sobretudo, internas – o eterno canteiro de obras da reforma íntima, a qual, aos poucos, reencarnação após reencarnação, vamos aprendendo a priorizar.

Às vezes, aprendemos com os erros alheios. Às vezes, aprendemos com os nossos próprios erros. Muitas vezes, aprendemos com a dor.

E, aos poucos, vamos aprendendo a caminhar em direção à autorrealização.

Sabemos bem quantos momentos difíceis tivemos de enfrentar nesta reencarnação.

Conhecemos a nossa alma. Sabemos da sua bagagem existencial e das suas vocações.

Perseveremos. Fácil é falar, é verdade.

Não nos permitamos dar um passo evolutivo para trás. Às vezes, temos vontade. Se as pessoas em nosso redor não nos tratam de forma digna, demos o nosso exemplo e sigamos em frente.

“Enquanto os cães ladram, a caravana passa.”¹¹

¹¹ Provérbio árabe.

Educação e Autoiluminação ¹²

Às vezes, o jovem “do contra”, revoltado e agressivo, de aparência niilista, está, na verdade, em busca de referenciais sobre o que, de fato, é a realidade por trás do estado de aparência social e do abismo que, invariavelmente, separa o discurso da prática.

O *cinismo da juventude* pode muito bem (bem até demais, a ponto de passar imperceptível aos olhos de pais e educadores) camuflar o incubado *romantismo idealista*.

Pode o jovem vestir o manto do sarcasmo porque lhe parece a indumentária apropriada em uma sociedade cujos integrantes, com frequência, confundem postura madura e realista com desenvoltura em praticar a velhacaria.

A atitude debochada do adolescente pode encobrir uma personalidade imantada de valores e ideais construtivos, de um jovem ainda à procura de parâmetros (a exemplo do comportamento de familiares e amigos mais velhos, como também de mentores nos campos profissional, acadêmico e espiritual) de conduta virtuosa, exercida e comprovada na provação do dia a dia, que tanto expõe as fissuras do ego e as contradições humanas mais elementares.

Em estudos visionários, de voz singular no pensamento espiritualista brasileiro de meados do século XX, como “Educação do Homem Integral” e “Novos Rumos para a Educação”, atualmente publicados pela Editora Martin Claret, o filósofo catarinense Huberto Rohden (1893-1981) demonstrou a saciedade que o magistério eficaz se alcança pela exemplaridade da conduta do professor.

¹² Versão primitiva publicada na revista *Sexto Sentido*, São Paulo, v. 7, n. 81, p. 36-40.

Afirmava Rohden que, “em última análise, não interessa a nenhum dos meus educandos o que eu sei, mas tão-somente o que eu sou”¹³. O educador apenas “poderá servir de guia e mentor a outros, não tanto pelo que diz ou faz, mas sobretudo pelo que é”¹⁴. “O exemplarismo é a técnica básica da vivência da Cosmoética”¹⁵, preconizaria décadas depois Waldo Vieira, no âmbito da Conscienciologia.

Para o propositor da Filosofia Univérsica, o requisito imprescindível para o exercício do magistério não estaria na bagagem intelectual do erudito, na facilidade para se comunicar do professor didático ou na persuasividade do expositor carismático, mas em “uma profunda experiência mística revelada em vasta vivência ética”¹⁶, na capacidade do mestre servir de verdadeiro modelo de indivíduo empenhado em semear e evoluir em si “o germe divino que faz parte da natureza humana e que deve ser despertado e desenvolvido pelo homem”¹⁷, ao exercitar o autoconhecimento e a autorrealização, “a chave da verdadeira educação”¹⁸, em realidade, uma autoeducação¹⁹.

Educar significa incentivar em outrem o florescer de potencialidades sadias dormentes, é dizer, aquilo que no educando “dormita de melhor e mais puro”²⁰.

Dando o próprio exemplo de genuína satisfação interior advinda da persistência em sobrepujar suas deficiências e excessos comportamentais e em sedimentar em si “os seus mais profundos valores humanos”²¹, o educador sensibiliza o educando a perceber

¹³ ROHDEN, Huberto. *Novos rumos para a educação*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 90. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 222)

¹⁴ *Ibid.*, p. 17.

¹⁵ VIEIRA, Waldo. *Homo sapiens reurbanisatus*. Foz do Iguaçu: CEAEC, 2003, p. 1.018.

¹⁶ ROHDEN, Huberto. Op. cit., p. 89.

¹⁷ *Id.* *Educação do homem integral*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 75.

¹⁸ *Ibid.*, p. 84.

¹⁹ *Ibid.*, p. 81.

²⁰ *Id.* *Novos rumos para a educação*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 18.

²¹ *Ibid.*, p. 17.

que, a despeito das adversidades externas, o indivíduo pode ser feliz, caso persevere em se harmonizar com o universo, em se sintonizar com as normas, os bens, as aspirações e os valores éticos universais de consecução “da verdade, da justiça, do amor, da honestidade, da fraternidade”²², método de autossuperação por intermédio do qual o ser se torna bom, que “não quer dizer bonachão, nem bonzinho ou bom-bonzinho”²³.

O indivíduo bom é aquele que preza pela sua dignidade, ao *homenagear a dignidade alheia*. Preleciona Huberto Rohden:

É a *dignidade*, o valor *intrínseco* do próprio homem; o homem deve, livre e espontaneamente, evitar o mal e praticar o bem, não por causa de um punidor fora dele — humano ou divino —, mas para não ofender a sua própria pureza e santidade, para não profanar a sua nobreza e sacralidade, para não desvalorizar o seu grande e imenso valor humano. O homem deve ter de si mesmo uma reverência e um respeito tão grande que prefira sofrer qualquer injustiça da parte de outros a cometer uma injustiça ele mesmo — e por isso não por motivos de ética dualista e tradicional, mas por causa dessa misteriosa metafísica e mística centralizadas no mais profundo reduto da sua própria natureza humana.²⁴ (grifos do autor)

Os *educadores em sentido amplo* (aqueles que, no setor público e privado, desempenham, formal ou informalmente, papel de orientação em relação a outrem e de “formador de opinião”) devem ter presente que a atuação equilibrada do indivíduo, no campo social, na seara profissional e no âmbito familiar, otimiza-se quando age honestamente movido pela ponderada busca da realização existencial.

Não existe realização existencial *sem* constante exercício do *autoconhecimento*.

²² *Id. Educação do homem integral*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 74.

²³ *Ibid.*, *loc. cit.*

²⁴ *Id. Novos rumos para a educação*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 43.

Qual o sentido da existência humana? Aquisição de conhecimento, por meio da vivência do bem e do mal, do prazer e da dor, ensina Swami Vivekananda²⁵. *Autoidentificação*, explica Joanna de Ângelis. Descoberta e florescimento individual da gama de valores éticos latentes. Substituição de desequilíbrios emocionais (fixações, tormentos e angústias) por conduta segura e “realizações enobrecedoras”²⁶.

O que é autoconhecimento? Trata-se, define Jan Val Ellam, do autocompromisso voluntário de “melhorar a própria conduta diante da vida e dos que nos rodeiam”²⁷, espargindo em si próprio o “questionamento produtivo, a prudência intelectual e psicológica, a tolerância, a habilidade de saber discordar sem destruir e o respeito ao próximo acima de tudo”²⁸.

A propósito, tornar-se religioso, no sentir de Vivekananda, “significa escalar o próprio caminho, percebendo e compreendendo as coisas por si mesmo”²⁹. “Salvo”³⁰, sublinha Joanna de Ângelis, “está aquele que sabe quem é, o que veio fazer no mundo, como realizá-lo, e, confiando, se entrega à realização do compromisso estabelecido”³¹. Posto de outra forma, expende Joanna de Ângelis:

Cada vez interrogar-se mais a respeito de quem é, e quais as possibilidades de que se pode utilizar para o desenvolvimento íntimo, significa um meio adequado para interpenetrar-se. Sistemáticamente manter-se vigilante contra os hábitos prejudiciais da autocompaixão,

²⁵ VIVEKANANDA, Swami. *Karma-yoga: a educação da vontade*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2005, p. 11.

²⁶ ÂNGELIS, Joanna de. *Triunfo pessoal*: psicografado por Divaldo Pereira Franco. 5. ed. Salvador: LEAL, 2004, p. 156.

²⁷ ELLAM, Jan Val. *Muito além do horizonte: a ligação entre Kardec, Ramatis e Rochester*. 2. ed. São Paulo: Zian, 2005, p. 271.

²⁸ *Ibid.*, loc. cit.

²⁹ VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004, p. 9.

³⁰ “A salvação, aqui, deve ser tomada como um estado de consciência tranquila, de autodescobrimento, em que o mundo interior assoma, governando os impulsos desordenados e harmonizando o indivíduo.” Cf. FRANCO, Divaldo Pereira. *Jesus e atualidade: pelo espírito de Joanna de Ângelis*. 8. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2005, p. 97.

³¹ *Ibid.*, loc. cit.

da censura ao comportamento dos outros, da autopunição e autodesvalorização, da inveja e de outros componentes do grupo das paixões dissolventes e anestésiantes. Preencher os *lugares* que ficarão vagos com a eliminação desses sórdidos comparsas mentais, com a presença do altruísmo, da fraternidade, do auto-amor.³² (grifo da autora)

Consiste, informa José Hermógenes de Andrade Filho, na prática da autopesquisa (*vichara* na Filosofia iogue), de se libertar das ilusões relativas a si mesmo, falácias frutos do egoísmo, assentadas no trinômio autocomplacência, autopiedade e autosseveridade³³.

Ao “assistir ao desenvolvimento de um defeito ou ao desenrolar de uma crise”³⁴ — convém ao indivíduo, recomenda Hermógenes — “perceber-lhe os motivos ocultos, sem pretender sustar, sem condenar, sem procurar explicar as coisas com racionalizações confortadoras”³⁵. Conhecer-se, observando-se. “Faz de conta que sou um espectador de cinema, vendo a fita que sou eu mesmo, procurando não sofrer nem gozar ao ir vendo o que se passa.”³⁶

Complementa Joanna de Ângelis:

Para que se mantenha o propósito de entendimento de si mesmo e da Vida, faz-se necessário um *percebimento* integral de cada fato, sem julgamento, sem compaixão, sem acusação.

Examiná-lo com imparcialidade, na sua condição de fato que é, com uma mente *inocente*, sem passado, sem futuro, apenas presente, mediante uma honesta compreensão, é a forma segura de o entender, portanto, de o perceber e digeri-lo convenientemente, sem dar margem a novos comprometimentos.³⁷ (grifo da autora)

³² *Id. Autodescobrimento*: uma busca interior; pelo espírito Joanna de Ângelis. 13. ed. Salvador: LEAL, 2004, p. 109.

³³ ANDRADE FILHO, José Hermógenes de. *Yoga para nervosos*: aprenda a administrar seu estresse. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005, p. 148-149.

³⁴ *Ibid.*, p. 150.

³⁵ *Ibid.*, loc. cit.

³⁶ *Ibid.*, p. 152.

³⁷ FRANCO, Divaldo Pereira. *O homem integral*: pelo espírito Joanna de Ângelis. 17. ed. Salvador: LEAL, 2004, p. 124.

A futura inserção do jovem no mercado de trabalho são preocupações legítimas das escolas de educação básica, da educação profissional, da educação técnica e tecnológica e da educação de nível superior em geral.

Ao mesmo tempo, as saúdes física e psíquica do ser humano, assim como o bem-estar social e familiar, requer o cultivo do *autoconhecimento* e de *propósitos de vida edificantes* — essa perspectiva passa ao largo das prioridades atuais do sistema educacional formal. Deve se converter em *meta prioritária* do sistema educativo formal e informal planetário.

“Para um bom desempenho existencial, um adequado processo de evolução”³⁸, sintetiza Joanna de Angelis, “torna-se indispensável uma análise profunda do Si, a fim de enfrentar a vida com os seus desafios e encontrar as convenientes soluções”³⁹.

Sob o prisma *espiritualista* (aqui empregado como sinônimo de *óptica antimaterialista*) e, mormente, *reencarnacionista*, sobressai ainda mais a importância do jovem ter *projeto de vida*, ao se enxergar no adolescente uma alma velha, com vivência multimilenar fora e dentro do corpo físico, detentora de largo acervo de positivos talentos inatos e, por outro lado, com tendências comportamentais a serem recicladas e buriladas, para que não sejam repetidas nem agravadas tragédias do passado plurissecular, episódios graves de sua jornada evolutiva refletidos em “anseios e desgostos aparentemente inexplicáveis, insegurança e medo sem justificativa, que são remanescentes de sua *consciência de culpa*,”⁴⁰ — esclarece Joanna de Ângelis — “em razão dos atos praticados, que ora veio reparar, superando os limites e avançando com outro direcionamento pelo caminho da iluminação interior, que é o essencial objetivo da vida”⁴¹ (grifos da autora).

³⁸ FRANCO, Divaldo Pereira. *Vida: desafios e soluções*, pelo espírito Joanna de Ângelis. 8. ed. Salvador: LEAL, 1997, p. 144.

³⁹ *Ibid.*, loc. cit.

⁴⁰ *Id.* *Adolescência e vida*: pelo espírito Joanna de Ângelis. 13. ed. Salvador: LEAL, 2005, p. 26.

⁴¹ *Ibid.*, loc. cit.

O alunato se condiciona a se preparar para testes, provas, seleções e concursos, o que possui inegável utilidade e necessidade na sociedade contemporânea. Contudo, o *desenvolvimento planetário autossustentável* e a duradoura *coexistência humana pacífica* se concretizarão com educação mundial centrada em *valores humanos*, questão de sobrevivência coletiva a longo prazo.

Perseverança (2) ⁴²

Se o espírito renascesse no plano físico-material *ciente de sua missão de vida* na intrafísicalidade ou se, no desabrochar da juventude, fosse, de modo oficial e consciente, cientificado por seu amparador extrafísico pessoal acerca do *programa encarnatório* a ser executado, teria melhores chances de principiar a idade adulta já direcionando suas energias e atos para o *dharma*⁴³ a ser implementado no decorrer da vivência em curso no corpo carnal.

A *ausência de conhecimento objetivo e minudente do projeto reencarnatório* torna, mais do que já seria, indispensável o exercício de *autoconhecimento* que aproxime o reencarnado de sua *essência divina*, na qual radicam suas *aspirações magnas*, de onde sua consciência moral o intui a sobrepairar às ilusões do ego transitório o propósito de *dignificar a vida por dignificá-la*, dissociado de anseios individualistas da atual personagem humana que interpreta nos palcos social e familiar e perante a si próprio.

Apesar de suas deficiências e recalitrâncias, percebe que, de suas entranhas, soergue *alguém motivado a agir*, no plano interno e externo, *consoante a harmônica melodia dos valores e princípios éticos que singram o oceano sideral*, embelezando, passo a passo, o código de conduta dos seres pensantes e já se espriando naqueles ainda aquém de se autodeterminarem e de abstraírem do drama evolutivo lições de melhoramento interior.

⁴² Versão primitiva deste artigo veiculada no boletim *Amor Consciencial*. Cf. AMOR CONSCIENCIAL. Disponível em: <<https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/consciencial/conversations/messages/1239>>. Acesso em: 2 mai. 2015.

⁴³ Neste contexto, o termo *dharma* é utilizado como sinônimo de projeto reencarnatório. Também é comumente empregado como sinônimo de dever moral ou cosmoético.

O reencarnado aprende a *auscultar o senhor de idade proecta que habita os seus recessos*, cuja reclusão, ofuscado pela exuberância do ego terreno da atualidade, ensina o veterano andarilho multidimensional a preparar-se para o *inverno do deslumbramento*, quando as adversidades desbotam as ilusões de grandeza do *ser humanizado* (espírito reencarnado na espécie humana), volvendo-o a se enxergar como a alma velha que apenas deseja desempenhar sua missão com dignidade e se rejuvenesce, ao redescobrir a satisfação íntima de amar e assistir ao próximo simplesmente por ser essa a tendência de quem compartilha com a consciência cósmica as sementes luminosas da Deidade.

Conclui que, de fato, a felicidade a que nos afeiçoamos enquanto permanecemos encarnados não resiste ao decurso do tempo, ao se esvaírem, uma vez desativado o corpo humano, as conquistas de prestígio, poder e riqueza, *remanescendo a solitude de se sentir mais um que se encantou com o estado de aparência da matéria*, esquecendo-se de que, por trás daquela personalidade humana temporária, encontrava-se espírito perpétuo estagiando em simulacro de realidade, mundo de ficção onde, paradoxalmente, as ações do reencarnado edificam os marcos vibratórios em que se alicerçarão as etapas vindouras, venturosas ou desafortunadas, de sua caminhada evolutiva.

Ensinarmento precioso colhido da esfera físico-material reside na *importância de se persistir no despertar de postura marcada por sentimentos e pensamentos elevados*, a despeito de todos os aparentes empecilhos que parecem conspirar contra mínimas condições de sucesso do projeto reencarnatório, mormente as limitações pessoais atávicas e os condicionamentos sociais patológicos, todos de multimilenar tradição.

Na intrafiscalidade, a *perseverança* revela ao reencarnado que aqui ele receberá, à medida que se depara com obstáculos de monta e os supera, *evidências reiteradas e indeléveis de que se situa na densa paisagem de mundo de provas e expiações o cenário no qual aprenderá*

(em cotidiano esforço de superação individual) a sustentar *estado permanente de autoiluminação*, independente das circunstâncias *externas* se afigurarem favoráveis ou desfavoráveis.

Decisões Solitárias e Divisores de Água

Existem momentos em nossa jornada evolutiva em que nos deparamos com divisores de água que nos exigem a tomada de decisões difíceis.

Desnecessário frisar a importância de se *ponderarem os prós e contras*. De se sopesar o *custo-benefício evolutivo* de determinada linha de atuação que pensamos em implementar. *De verificar quais princípios, interesses (aspirações), valores e bens (integridade pessoal, por exemplo) cosmoéticos devem prevalecer e em que proporção devem ser sacrificados, na medida do indispensável, os princípios, interesses, valores e bens cosmoéticos de menor estatura em determinado caso concreto*. De se *compararem os possíveis efeitos benéficos* da conduta cogitada (seja a abstinência da prática de dado ato, seja a concreção de certo ato) com as suas *eventuais consequências nocivas* e de *aferir se desse cotejo entre desdobramentos em sentidos opostos se extrai provável saldo positivo, do ponto de vista da evolução individual e coletiva, bem assim do respeito à dignidade de todos*.

O atual estágio de desenvolvimento dos meios de comunicação propicia generosas oportunidades de se obter amplo cruzamento de informações, visão de conjunto, associação de ideias (ainda que esta ocorra, às vezes, apenas de forma intuitiva), compartilhamento de vivências, intercâmbio de opiniões e democratização do conhecimento.

Mais do que as anteriores, esta geração tem sido brindada com crescentes e diversificadas opções de fontes para subsidiar a tomada de uma decisão, quer pelo acesso a documentos, quer pela interação entre indivíduos.

Entretanto, permanece a solidão não apenas de *eleger um caminho* como também de *percorrer a trilha escolhida*.

Por vezes, as *opções* divisadas no horizonte como possíveis escolhas parecem se inserir em *labirintos* ou *encruzilhadas* da caminhada evolutiva.

As *aparentes* derrotas ou vitórias, aclamações ou linchamentos públicos, merecem ser vivenciadas com *sobriedade*, ciente o ser de que o fundamental reside em reagir a tais situações de modo saudável, moderado e sereno, o mais possível, evitando *tanto* o deslumbramento consigo mesmo, *quanto* o sentimento do próprio fracasso existencial.

Essencial exercer nossa *missão de vida* (ou a que imaginamos que seja) de maneira digna, *dentro* e *fora* do lar. Se errar é inevitável, podemos, ao menos, acalentar o ideal de nos mantermos em harmonia com nossa consciência moral, contanto que dia a dia *nos empenhemos* de fato para alcançar essa finalidade.

Reencarnação e Escolha Profissional ⁴⁴

O *ocaso da adolescência* marca o auge de questionamento fundamental: a *escolha da profissão* a ser seguida, opção decisiva à adultidade, tomada no momento de maior indecisão e incerteza da juventude.

Neste momento a *consciência da reencarnação* como fato inconteste da natureza lembra o vestibulando que ele não é apenas herdeiro de sua árvore genealógica, nem mero repositório de influências da família, das amizades, dos professores e da mentalidade da época.

Mais do que isso, regorjeia a sua *própria experiência*, acumulada desde tempos imemoriais, amálgama de vivências sob a forma física e espiritual.

A profissão a ser abraçada deve ser a que lhe permite executar sua atual missão, de modo que, ao desencarnar, possa estar realizado por ter cumprido ao menos aspecto essencial de sua última existência carnal, que passa pela escolha do ofício que, dentre o leque de opções delineado antes do retorno ao útero, franqueie-lhe a evolução espiritual por meio da *autorrealização*.

Não se trata somente de dar vazão a talentos inatos.

Cada um guarda dentro de si diversas habilidades acumuladas ao longo da caminhada evolutiva.

Impende discernir, dentre os dons mais sobressalentes, aquele *mais representativo do papel a ser desempenhado pelo ser humano nesta reencarnação*, seja uma atividade voltada ao *círculo familiar* (administrador do lar, gestor de pequena empresa familiar), seja uma ocupação

⁴⁴ Dedicado a Joanna de Ângelis, a personificar sabedoria e simplicidade, objetividade e erudição. Versão primitiva publicada no jornal *O Clarim*, Matão, v. 100, n. 2, p. 12, 15 set. 2005.

pertinente à *comunidade* (diretor de escola, pároco, líder comunitário), à *sociedade* (administrador público, magistrado, industrial) ou ao *todo da humanidade* (missionário, escritor de renome mundial, mandatário de superpotência, funcionário de organismo internacional).

Irrelevante se diz respeito a mister de abrangência *pequena, média* ou *ampla*. O que conta são as *necessidades* de se aprimorar e as *condições mais propícias* a esse fim, estipuladas ainda na *fase prerreencarnatória*.

Contraproducente priorizar os *interesses materiais* (dinheiro, aceitação social e familiar) em detrimento da busca pela *lídima vocação*.

Ao mesmo tempo, vale a pena redobrada cautela.

Por *comodismo* ou *ansiedade*, opta-se, muitas vezes, por profissão para a qual se tem talento, mas que *não* contempla as exigências evolutivas desta reencarnação.

O indivíduo sabe que tem tutano para o que faz, porém *permanece se sentindo incompleto*, como se não se encaixasse perfeitamente naquele *métier*, apesar de exhibir predicados que o distinguem no meio profissional abraçado.

Nesse caso, o sentimento de incômodo impele a si próprio a *adotar novo rumo*, mesmo que tardiamente.

Importa manter a *intuição aguçada*, a fim de se interpretar de maneira lúcida sinais sutis que indicam *a melhor senda a ser percorrida*.

Às vezes, a *falta de oportunidade* de exercer o curso de graduação almejado (exemplos: não consegue assegurar vaga em vestibular concorrido ou se vê prejudicado pela ausência de mercado local para a profissão desejada) possibilita *correção de rota*, que o encaminha ao destino traçado ainda quando estava no plano espiritual.

Por outro lado, o desinteresse em completar a graduação ou a inadequação para militar na profissão para a qual se formou pode servir de *prelúdio* para a mudança que trará a ansiada *autorrealização profissional*.

Em outras ocasiões, o curso de nível superior ou de educação profissional técnica de nível médio, inicialmente frequentado por pressão familiar ou conveniência social, *acaba correspondendo ao começo de trajetória profissional espiritualmente gratificante.*

Em razão dessas costumeiras nuances e eventuais reviravoltas, deve-se estar atento aos momentos propícios a *recuos e avanços profissionais estratégicos.*

O Retorno à Espiritualidade ⁴⁵

Quando o ser humano finalmente aceita a reencarnação como fato da natureza a alcançar a humanidade terrestre em todas as épocas e lugares (independente de gostar ou não disso), *sente-se no dever de destinar suas energias, sentimentos e pensamentos ao aceleração de sua evolução espiritual.*

Cansa-se do vazio existencial, do cotidiano angustiado e melancólico, da atenção dispersa, voltada a contemplar convenções e modismos sociais.

Cristaliza a vontade de pôr um basta a vícios que traz consigo ao longo de séculos.

Agora sabe que não está aqui à toa.

Tem missão a executar. Seu bem-estar espiritual depende disso.

Quanto mais tempo desperdiçar, menos realizado será, maiores as dificuldades para cumprir a finalidade desta reencarnação e enfrentar os equívocos do passado, erros que há muito esperam correção.

Quando jovem, ouviu dos amigos que deveria se divertir, porque tinha a vida inteira pela frente.

Quando amadurece à luz da doutrina espírita, corrói-se de remorso pela mocidade materialista, caixa de ressonância para valores fúteis que o acompanham há priscas eras.

Olha para trás e vê *os ensinamentos que reassimila de tempos em tempos* para, depois, voltar a abandoná-los no meio do caminho, mesmo sabendo, no íntimo, que eram certos.

⁴⁵ Versão primitiva publicada no jornal *O Clarim*, Matão, v. 100, n. 5, p. 5, 15 dez. 2005, e na revista *O Reformador*, v. 124, n. 2.124, p. 29, mar. 2006.

Transcorrido tanto tempo imitando a própria teimosia, aprende a ouvir sua intuição sussurrar a *sabedoria de quem já percorreu muitas sendas e passou da idade de renegar o próprio acervo de experiências acumuladas*.

Nos escaninhos da alma, redescobre a mediunidade, *identificando influências invisíveis, ora benéficas, ora deletérias*, a depender da disposição para se purificar da autocorrupção, respeitar as normas éticas universais e se tornar mais sensível a vibrações sutis e menos simpático a emoções e raciocínios densos.

Acostuma-se a enxergar na *esfera da vida privada uma fortaleza inócua contra a exposição ao público do mundo espiritual*, porque no recondito de sua intimidade trafegam espíritos amigos e hostis, que o conhecem melhor que a si próprio.

Troca a defesa da intimidade e da dissimulação pelo *enfretamento sincero e visceral de suas falhas de caráter*, ciente de que para os espíritos (desencarnados) sua alma está sempre nua.

Passa a discernir entre a *intuição irradiadora de conselhos benfazejos* e o *impulso enfermizo inoculado por quem se vale do anonimato para fortificar as fraquezas alheias*.

Disciplina-se para evocar saudáveis influências e não se corromper com ideias insidiosas, à primeira vista inofensivas por serem apenas pensamentos.

Admite que *não é receptáculo de verdades absolutas inquestionáveis*. Extrai do conhecimento de seus pares pontos luminosos, traços de lucidez divina espalhados até naqueles que renegam a espiritualidade. Observa outras religiões. Vê na maioria *substrato ético comum*, apesar da dissonância dogmática.

Vai a templos diversos. Entende que onde existem almas em busca da redenção espiritual, *há o amparo extrafísico dos emissários da luz*, discreto mas eficaz, diligente mesmo se os sacerdotes do plano material careçam de genuína vocação e autoridade moral.

Pondera antes de criticar quem julga encontrar-se em *aparente estágio evolutivo inferior ao seu*, porque *a vereda que aquele trilha um dia foi a sua*.

Recorda que não adianta chegar ao topo da montanha: *precisa ajudar os outros a escalarem-na.*

Muda sua postura diante dos inimigos, ao concluir que apenas energias positivas neutralizam a negatividade; somente o perdão implacável extirpa rancores imemoriais; só vence o ódio o amor sincero, universal, sem fins interesseiros e exigência de reciprocidade. A partir daí compreende a imprescindível contribuição de Jesus à evolução da humanidade radicada no orbe terrestre.

Encontros e Desencontros na Senda Evolutiva

Na jornada evolutiva, não há despedidas propriamente ditas, mas série de desencontros e reencontros.

No circuito cósmico a que todos os espíritos (encarnados e desencarnados) estão conectados, dentro e fora do plano físico, não há possibilidade de se viver em eterno *apartheid*.

Ao longo do imorredouro ciclo evolutivo, estamos sempre esbarrando uns nos outros. Desse modo, à medida que evolve, condiciona-se o ser a amar, de modo fraterno e incondicional, todos aqueles que com ele coexistem no Todo.

Nem sempre essa perspectiva de horizontes amplos prevalece.

Às vezes, prefere-se a nostalgia do momento evolutivo passado, que ora existe apenas na memória, incrementada por tonalidades amenas ou sulfúricas em demasia, de enredos que não podem ser reproduzidos em condições idênticas, embora os espíritos que interpretaram tais personagens, inexoravelmente, contracenarão em novos episódios, em outros cenários e com outras características comportamentais, parecidas ou diferenciadas, se comparadas à daquela situação.

É comum o indivíduo se entristecer quando percebe o amigo de outros tempos (remotos ou recentes) em etapa evolutiva diferente da sua.

Afetos da alma ora se aproximam, ora se distanciam, de acordo com o ritmo evolutivo de cada um, a afinidade ou não entre pensamentos, sentimentos, emoções, valores, mentalidades, modos de ser e ideologias.

Espíritos que construíram entre si, no decorrer da senda evolutiva, pontes de afinidade ou laços de antipatia distanciam-se ou se aproximam e, por vezes, reciclam a forma como se relacionam, em função de interesses, valores, mentalidades, conduta e aptidões em comum ou em repulsão mútua, próprios do momento evolutivo que ambos vivenciam, na ocasião.

Devemos respeitar a caminhada evolutiva de cada um, próxima ou afastada da nossa — dualidade relativa, porquanto as distâncias se encurtam, por meio de pensamentos, sentimentos, emoções e energias compatíveis.

“Porque não há coisa oculta que não acabe por se manifestar,
nem secreta que não venha a ser descoberta.”⁴⁶

Evangelho segundo Lucas (8:17)

Capítulo 9

Vida privada, internet e espiritualidade ⁴⁷

Na sociedade contemporânea, em ritmo vertiginoso a internet democratiza o conhecimento, populariza o acesso à informação e potencializa o intercâmbio cultural, ao mesmo tempo que atrofia a esfera privada — progressivamente, *ampliam-se na internet os modos de exposição ao olhar público dos indivíduos em geral* (sobretudo por meio de máquinas de busca e de comunidades virtuais).

À proporção que *cresce o número de internautas*, maior o empenho, em escala planetária, de órgãos e entidades de Estados democráticos (ou não) em formularem e implementarem medidas destinadas ao *monitoramento das comunicações eletrônicas*, principalmente na prevenção e no combate ao terrorismo e ao crime organizado, bem como a delitos contra a Administração Pública e a ofensas a direitos da personalidade, como a honra, a imagem, os direitos autorais e a vida privada (inclusive sigilos ou segredos reveladores da intimidade psíquica ou de detalhes da vida privada de conteúdo patrimonial). No setor privado, semelhantes ações de observação da vida privada são adotadas por grupos econômicos, para fins lucrativos, e por concidadãos, com finalidade de bisbilhotar a intimidade alheia. Em democracias e ditaduras, nos âmbitos das relações públicas e privadas, vulnera-se a intimidade, cada vez mais.

⁴⁶ BÍBLIA SAGRADA: edição pastoral-catequética. 168. ed. São Paulo: Ave Maria, 2005, p. 1.357.

⁴⁷ Artigo publicado sob o título *Internet e espiritualidade* na *Revista Cristã de Espiritismo*, São Paulo, v. 10, n. 88, p. 48-49, jan. 2011.

Nesta época em que a explosão demográfica e o avanço dos meios de comunicação dificultam, de forma crescente, o exercício do direito à intimidade (conhecido na Ciência Jurídica como “direito de estar só”), sobressai a *oportunidade evolutiva* dos espíritos reencarnados no orbe terrestre exercitarem o que muitos costumam praticar quando desencarnados: *condicionarem-se a vislumbrar a conduta externa (ações e omissões) como expressão da conduta interna (pensamentos e sentimentos)*. Um convite à coerência.

O advento da “Aldeia Global” de Marshall McLuhan trouxe consigo um pouco do “Big Brother” de George Orwell e escancarou fato evidente para aqueles que possuem contato lúcido com o plano espiritual — de que, *a todo instante, estamos sendo observados por outras almas*.

Embora no curto prazo a internet incentive o ser humano a ostentar *personas* diferentes para agrupamentos sociais e virtuais distintos, no longo prazo fomenta *maior congruência entre os comportamentos manifestados nas searas pública e privada*, uma vez que a veiculação de dados na internet inviabiliza “vidas duplas” e obsta o anonimato, bem como propicia amplo cruzamento de informações e visão panorâmica acerca da mentalidade, valores, interesses, hábitos e vícios alheios.

A gradativa *maior transparência no meio eletrônico* sobre as condutas pública e privada dos seres humanos *diminuirá*, nas próximas décadas, a *possibilidade* do indivíduo conseguir aparentar em sociedade uma postura moral contrária àquela que realmente possui e tornará *mais perceptível* a necessidade dele conhecer mais a fundo as próprias tendências positivas e negativas, de transmutar em luzes suas sombras, de passar ao largo da hipocrisia e de se manter coerente com os valores que professa (ou gostaria, de fato, de professar), de modo que tenha paz de espírito e não sinta constrangimento perante sua consciência moral ao ver *levados a público* atos antes encobertos pelo *véu da privacidade* (ou privatividade, como preferem os vernaculistas).

Exemplo de Renovação Consciencial⁴⁸

(Resenha de “Voltei”, ditado por Irmão Jacob a Chico Xavier)

Em regra, quando se faz alusão a relatos sobre a vida além-túmulo veiculados no âmbito da literatura espírita do século XX, citam-se os clássicos *Memórias de um Suicida* (ditado pelo espírito Camilo Castelo Branco a Yvonne do Amaral Pereira, com a supervisão do espírito de Léon Denis) e *Nosso Lar* (ditado pelo espírito André Luiz a Francisco Cândido Xavier), que têm sido há várias décadas publicados pela Federação Espírita Brasileira (FEB).

Todavia, ainda não foi dada a devida atenção à obra igualmente relevante: *Voltei*, narrativa ditada a Chico Xavier em 1948 pelo espírito Irmão Jacob (pseudônimo de Frederico Figner), também editada pela FEB.

Por razões didáticas, *Voltei* merece ser lido antes de *Memórias de um Suicida* e de *Nosso Lar*, em função de possuir o estilo mais sucinto dos três livros, o que facilita o leitor neófito a se familiarizar com o padrão linguístico próprio do Brasil da primeira metade do século passado.

Voltei é, sobretudo, uma leitura saborosa, texto esmerado, de alguém que, após desencarnar, utilizou sua anterior vivência de militante do movimento espírita brasileiro como ensejo para exercitar a humildade e a reciclagem consciencial.

⁴⁸ Versão primitiva do artigo publicada na revista *Espiritismo & Ciência*, São Paulo, v. 5, n.º 54, p. 36.

Em vez do narrador se valer da condição de estudioso da doutrina espírita e de pesquisador de temáticas espirituais para se considerar *expert* em assuntos *post-mortem*, Irmão Jacob teve a sabedoria de encarar o retorno à pátria espiritual como um verdadeiro recomeço.

Apesar das decepções iniciais entre o que idealizava vivenciar na erraticidade e suas primeiras experiências de retorno à pátria espiritual, não se apegou às noções do plano extrafísico concebidas durante a última reencarnação.

Após superar dificuldades iniciais para se libertar das influências do mundo físico-material e se reajustar à extrafísicalidade, elevando o padrão energético, soube rejuvenescer a alma para essa nova etapa da jornada evolutiva, em que o indivíduo se reencontra com amigos (do passado terreno e espiritual) e tem a preciosa oportunidade de renovar seus conhecimentos e oxigenar valores éticos, já se preparando para os desafios da reencarnação vindoura.

O romance *Voltei* suscita saudade desse período no qual, já desencarnados, somos incentivados a redescobrir dentro de nós a capacidade de nos descondicionarmos da antiga rotina terrena, a fim de se saborear o ambiente de fraternidade, serenidade e aperfeiçoamento coletivo típico das colônias extrafísicas saudáveis.

Uma obra que nos serve de ânimo para que perseveremos na luta cotidiana pelo autoconhecimento, reforma moral íntima e execução do projeto reencarnatório, de modo que possamos construir os alicerces da paz interior que nos possibilitem, na futura volta à pátria espiritual, renascer para novos horizontes conscienciais.

Reflexões sobre Suicídio e o Despertar Espiritual ⁴⁹

No decorrer do *ciclo reencarnatório*, o ser experimenta desilusões impactantes sob o prisma do ego transitório, embora de somenos relevância quando examinadas sob o prisma maior do contexto cósmico, macro, em que estamos inseridos como pequenas peças do grande mecanismo evolutivo universal.

De qualquer forma, o *desencanto* vivenciado, em dada circunstância, pelo personagem humano do espírito eterno e multi-dimensional suscita *negativas tendências comportamentais de longo prazo*, deletérias ressonâncias perenes e seculares em sua *memória consciencial ou espiritual*.

O *desgosto*, na jornada reencarnatória em curso, pode redundar na *finalidade consciente de praticar o suicídio ou no inconsciente direcionamento daquela existência, no plano físico-material*, para estilo de vida, sob o ângulo da espiritualidade, também propício ao suicídio, caso resulte em (ou favoreça a) *antecipada* desencarnação, quando o ser retorna à extrafísica antes do programado, *por ter degradado sua higidez física por meio de comportamento social e de postura psíquica autofágicas*, ocasionadas pela assunção de riscos letais desnecessários e excessivos.

Hipotéticos exemplos ilustrativos: quem se vicia em álcool, tabaco e drogas ilícitas, assim como o praticante, por opção profissional ou de lazer, de atividades de alta mortalidade, desprovidas de interesse público.

⁴⁹ Versão primitiva publicada na revista *Sexto Sentido*, São Paulo, v. 5, n. 50, p. 34-36.

Situações nas quais o sacrifício do corpo físico, se ocorrer, não se justifica na defesa ponderada dos interesses magnos, bens fundamentais e valores éticos elementares à sobrevivência da sociedade e à evolução de todos.

Configuram, em verdade, espécie de *fuga da realidade* e dos *deveres cosmoéticos*, diletantismo às expensas da própria saúde física, psíquica, bioenergética e espiritual, motivo de dor evitável que, por longo período, vivenciará, assim como os afetos de sua alma.

Ao se *esmaecer o entusiasmo de enfrentar os desafios cotidianos*, como se nada de venturoso pudesse, ainda, o indivíduo desfrutar, por mérito próprio e misericórdia divina, nesta estadia no plano físico-material, é indispensável que *medite acerca das surpresas agradáveis que a vida lhe ofertou quando menos esperava e que tenha presente não haver alternativa menos onerosa a si próprio que a execução deste mandato reencarnatório*.

Nesse aspecto, é recomendável a leitura atenta de *Memórias de um Suicida*, psicografia ditada pelo espírito desencarnado do romancista português *Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco* (1825-1890) à prestigiada e saudosa médium *Yvonne do Amaral Pereira* (1900-1984) — sob orientação do espírito (também desencarnado), do pensador espírita francês *Léon Denis* (1846-1927) —, do catálogo de obras publicado pela *Federação Espírita Brasileira — FEB*.

Conduzido pela pena de literato, seguro de seu ofício e ciente de seu precário estado, *Memórias de um Suicida* realça no leitor lancinante e minuciosa percepção da árdua caminhada para recuperar *condições mínimas de higidez e dignidade* o espírito de quem, em reencarnação imediata ou mediatamente anterior, aderiu à contraproducente via do suicídio, atraindo para si a *repetência de dramas que já deveriam ter sido superados e não o foram*, por força da decisão açodada de fulminar o corpo físico, ante o desespero desencadeado pelas provações cármicas à época em andamento, que terão, em parte, de ser revividas, em *novo e mais sofrido contexto temporal terreno*.

Nota-se à saciedade, de forma substancial e objetiva, a *penosa programação*, desenvolvida antes e durante novas imersões no corpo carnal, voltadas a franquear ao ex-suicida a oportunidade de encerrar, em definitivo, essa etapa evolutiva e amortizar suas sequelas.

Sobressai não só a dificuldade para que ostentem condições mínimas de serem assistidos por equipes de socorro atuando nas regiões umbralinas tradicionalmente habitadas por espíritos de ex-suicidas, como também a baixa *performance*, apresentada por expressiva parcela de tais desencarnados, quando alunos de *cursos prerreencarnatórios* — caso tenha sido possível removê-los para ambientes extrafísicos saudáveis, onde são tratados e estudam em preparação à reencarnação vindoura, porém com *reduzido desempenho*, em face da sua *instabilidade psíquica e energética*, cumulada com, às vezes, *estado de negação da realidade* dura que enfrentam e da necessidade de se reformar e de realizar mais uma incursão no mundo dos encarnados.

Memórias de um Suicida clarifica *quão privilegiados* são aqueles que retornam ao plano físico-material em condições socioeconômicas dignas e psicofísicas saudáveis, bem assim a imprescindibilidade de que tal jornada reencarnatória seja *administrada com sabedoria*, o que significa, sobretudo, *respeito à dignidade própria e alheia*, ao dedicar esta passagem pela intrafísica ao exercício da realização íntima de quem verte suas energias, pensamentos e sentimentos ao *autoconhecimento* dos escaninhos de sua psique, ao *autoenfrentamento* de sua sombra e à (re)descoberta de valores cosmoéticos a hibernarem nos recessos do ser, em paciente espera para serem convocados a vir à tona nortear o espírito para a discreta mas eficaz difusão, por meio do *exemplo individual modelar*, em constante aperfeiçoamento, dos eflúvios de harmonia, fraternidade e ponderação, espargidos na mente e no coração daqueles que privam de sua companhia, situados neste e em outros planos existenciais.

PARTE 2

ÉTICA, CIDADANIA E ESPIRITUALIDADE



Necessidades

Ao longo do ciclo evolutivo terrestre na espécie humana, o espírito, reencarnação após reencarnação, condiciona-se a priorizar a busca por poder, prestígio social, sexo e dinheiro.

Todavia, a *finalidade maior da reencarnação* está em evoluir espiritualmente (por meio da dor, do autoconhecimento e do autoenfrentamento), em melhorar a si mesmo, auxiliando, com o próprio exemplo diário de conduta, a humanidade a evoluir, sobretudo aqueles com os quais o indivíduo têm débitos cármicos mais graves (em regra, pessoas do seu convívio cotidiano, na família e no trabalho).

É difícil priorizar a evolução (reforma íntima) vivendo em um *mundo de provas e expiações*, marcado pelo egoísmo e pela soberba, bem como a luta pela sobrevivência.

O ambiente social e familiar *condiciona* o indivíduo a achar ingênuo priorizar a evolução espiritual e sábio focar suas energias na procura pela prosperidade material e pelo prazer sensorial, em uma rotina que orbita em torno da apologia do entretenimento e do consumo.

É salutar o ser humano trabalhar, se divertir, socializar, cultivar o bom humor, ser bem resolvido emocional e sexualmente, assim como ambicionar ter boa renda e a vaidade saudável de cuidar da saúde e de sua aparência.

Por outro lado, *cabe contemplar as necessidades de curto a médio prazos sem esquecer o que é melhor para a evolução espiritual*, um planejamento de longo a longuíssimo prazo — tarefa antipática de dizer “não” a si mesmo, pensando em si mesmo, tendo em mente o que quer do seu futuro e o seu bem-estar espiritual nesta reencarnação e em outras jornadas evolutivas.

Priorizar a evolução espiritual parece abstrato. *A prática demonstra o contrário.* As singelas decisões do dia a dia implicam em priorizar ou não a evolução espiritual. Dar o troco a menor. Soltar, a conta-gotas, comentários ferinos, como quem não quer nada. Fomentar discussões estéreis. Trair a confiança alheia, em pequenos detalhes, apenas para provar a si mesmo que pode enganar os outros sem ser flagrantado. Essas decisões, à primeira vista pouco significativas para o longo prazo, influenciam nossas energias, as companhias espirituais do entorno e o nosso “destino”.

O Fator Ético⁵⁰

Se legislação penal severa e sistema penitenciário populoso fossem sinônimos de paz social, o Brasil e os Estados Unidos seriam a Suécia.

Condicionada à transferência de responsabilidade, a sociedade brasileira, de tempos em tempos, pressiona o Poder Legislativo por leis penais mais duras, como se o sistema penitenciário fosse espécie de buraco negro, no qual os apenados se isolam, por completo, do universo social, para nunca mais a ele retornarem.

Em verdade, muitas vezes, organizações criminosas se agasalham no relativo porto seguro do cárcere, *bunker* de onde melhor podem intervir no seio da coletividade.

Os elevados índices de violência, criminalidade e corrupção espelham a sombra da sociedade, que ela tenta combater de forma paliativa, por meio de excessivos diplomas legislativos e muito protesto.

O fundo de pano da distopia em que vivemos tem a ver com a reconhecida e histórica necessidade de maior distribuição de renda, desenvolvimento socioeconômico autossustentável e democratização do acesso ao conhecimento em escala planetária.

Ocorre que *o cerne das mazelas sociais* radica no *fator ético*. Há gerações ressaltam os grandes líderes espirituais da humanidade: *a sociedade só será reformada quando o ser humano conhecer e reformar a si mesmo*.

⁵⁰ Versão original do artigo publicada na revista *Universo Espírita* (caderno Conceitos), São Paulo, v. 4, n. 41, p. 42, 2007, e, com modificações, em *Reformador: revista de espiritismo cristão*, Brasília, DF, v. 126, n. 2.157, p. 33, dez. 2008.

É sempre possível alterar e burilar normas jurídicas e políticas públicas.

No entanto, o ponto nevrálgico passa despercebido do discurso de “formadores de opinião”: a urgência e a relevância de o indivíduo *priorizar sua evolução*. Compreender a fundo suas virtudes, deficiências e excessos. Sobrepujar, com eficácia, os aspectos negativos de sua personalidade. Dedicar-se à realização íntima, pelo despertar em si de valores, hábitos e vocações dignificantes, fruto da perseverança, na atuação na esfera pública e privada, em diminuir o abismo entre a prédica e a prática dos ensinamentos da Ética universal.

Criticar o criticável, porém *se indignar mais consigo próprio*.

Cidadania Planetária ⁵¹

Se tivéssemos tecnologia que nos permitisse encetar contato oficial e sistemático, de alcance planetário e reconhecimento consensual pelos povos do globo, com sociedades extrafísicas e extra-terrestres cujos integrantes ostentassem comportamento impecável do ponto de vista do exercício da fraternidade e do amor universal, tornar-se-ia pacífico o entendimento de que a existência de sociedade harmônica, pautada pelo respeito à dignidade de seus componentes, constitui meta evolutiva realizável, não se tratando, portanto, de utopia de discurso filosófico, religioso e espiritualista.

Perceberíamos que a prática da fraternidade e do amor universal, assim como da *norma de ouro da justiça* (“Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”), consiste em atributo indispensável da política planetária e dos códigos de conduta pessoais, sem o qual não se constrói nem se consolida a perpétua coexistência coletiva pacífica e igualitária no orbe, em que todos possam desenvolver, em sua plenitude, suas potencialidades sadias, em ambiente público e privado no qual se assegurem dignas condições gerais de convívio.

Ao conhecermos mundos em que cada indivíduo se autogoverna em estrita e espontânea observância à Ética cósmica, independente de pressão social ou repressão estatal, chegaríamos à conclusão de que se eles podem, nós também podemos alcançar tal patamar evolutivo por meio da contínua reforma e reciclagem íntima em escala global, porque igualmente compartilhamos a essência divina que os

⁵¹ Artigo publicado na *Revista Cristã de Espiritismo*, São Paulo, v. 13, n. 111, p. 22, dez. 2012.

alçou a níveis de discernimento consciencial e elegância moral muito além dos nossos mais ousados horizontes de percepção.

Todavia, o cenário acima delineado está longe de representar o cotidiano terrestre. Traduz apenas o esperançoso enredo de uma ficção científica de tonalidades espiritualistas.

Por outro lado, se *comparássemos* os princípios fundamentais, direcionadas à promoção da dignidade do ser humano e das aspirações nobilitantes da humanidade, insculpidos no Direito Internacional dos Direitos Humanos e nas Cartas Constitucionais democráticas, com o feixe básico, em comum, de preceitos acolhido pela consciência moral dos povos e incensado por sistemas religiosos e filosóficos de expressiva influência social, notaríamos que *temos à saciedade parâmetros normativos para que os cidadãos deste orbe se unam em torno do bem comum e do desenvolvimento autossustentável.*

O multimilenar ciclo de provações cármicas, em roda reencarnatória marcada por obstinadas e repetitivas macro e micro contendadas, assédios morais visíveis e ocultos, disputas implacáveis pelo poder e demais tendências primitivas do ego transitório, será rompido tão-somente *quando a humanidade inferir que todas as opções falharam, salvo a do amor universal e da cidadania planetária.*

Essa conclusão não será mero ato de altruísmo, mas *fruto de luta decisiva pela sobrevivência coletiva, premida a humanidade por transformações íntimas e externas que tornem imprescindível, na mente e no coração de todos, a procrastinada e menosprezada vivência norteada por balizas éticas universais, quer no âmbito da conduta omissiva e comissiva externalizada, quer no âmbito dos pensamentos e sentimentos cultivados nos recessos da alma.*

Assistência ao Próximo ⁵²

Assistindo-se ao próximo, produz-se *carma positivo* (fruto da conduta cosmoética pretérita) e se quita *carma negativo* (produto do comportamento anticosmoético passado)⁵³. *O maior beneficiário do amparo é o amparador*⁵⁴. Na oportunidade de assistir ao próximo, assistimos, sobretudo, a nós mesmos⁵⁵.

Por meio da doação a outrem, o espírito reencarnado se converte em coadjutor do bem-estar alheio. Sobrepuja suas limitações⁵⁶. Acelera sua evolução. “Ninguém evolui sozinho.”⁵⁷ Sente-se útil à humanidade. Redescobre a autoestima. Proporciona a si realização espiritual. *Descobre o real sentido da felicidade*⁵⁸.

Assistir ao próximo se faz conjugando-se as tarefas da *consolação* (propiciando-se conforto espiritual e material) e do *esclarecimento* (compartilhando-se conhecimento), estribadas em dons, vocações e habilidades do espírito reencarnado, trazidos de antes da volta ao útero, rememorados e aperfeiçoados na esfera física⁵⁹.

⁵² Versão primitiva publicada na revista *Sexto Sentido*, São Paulo, v. 8, n. 88, p. 36-39. Artigo posteriormente publicado na *Evolução & Cura*, São Paulo, n. 46, 2011, p. 23-26 (Espiritismo & Ciência Especial).

⁵³ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. *O karma e suas leis*. Curitiba: ISC, 2004, p. 107. (Coleção Coração da Consciência, v. 1)

⁵⁴ VIVEKANANDA, Swami. *Karma-yoga: a educação da vontade*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2005, p. 67.

⁵⁵ *Ibid.*, loc. cit.

⁵⁶ FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos espíritas: pelo espírito Joanna de Ângelis*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, p. 96.

⁵⁷ VIEIRA, Waldo. *Manual da proéxis: programação existencial*. 3. ed. Rio de Janeiro: IIPC, 2003, p. 39.

⁵⁸ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. *Espiritualmente falando: praticando o amor*. Curitiba: ISC, 2005, p. 10. Disponível em: <<http://www.consciencial.org>>. Acesso em: 15 fev. 2006.

⁵⁹ ROQUE, Dalton Campos. *Evolução das programações existenciais*. Disponível em: <<http://www.consciencial.org>>. Acesso em: 23 nov. 2005.

A assistência deve se direcionar para a sensibilização consciencial individual e coletiva, pautada pela Cosmoética⁶⁰, centrada no *princípio do amor universal* (incondicional e absoluto), do qual decorre o *princípio da policarmalidade*: atuar com vistas à “evolução de todos, independente da dívida pessoal, assumindo o papel de minipeça no maximecanismo da *Espiral Evolutiva*”⁶¹ (grifos da autora).

Assiste-se via *trabalho-remunerado* — cumprindo-se (ou conferindo-se) função social inerente ao meio de subsistência abraçado — e *trabalho-abnegação* (voluntariado voltado à caridade) — devotando-se as horas livres para a consolação e o esclarecimento cosmoéticos⁶².

Os sacrifícios impostos pelo contínuo “labor físico, mental e psíquico”⁶³ elevam a vibração do reencarnado, ao despertá-lo para virtudes altruísticas adormecidas: perseverança, resignação, tolerância, paciência, disciplina, estoicismo, equilíbrio e harmonia⁶⁴. Condicionam-no a despender energias conscienciais em fins cosmoéticos (nos campos, por exemplo, científico, artístico e espiritual⁶⁵). Ensinam-no a “viver entre tesouros e glórias do mundo sem escravizar a alma”⁶⁶ e espelhar a “postura do arvoredo benfeitor, independente de qualquer interesse mercenário”⁶⁷, tenha existência material abastada ou humilde.

Assistir implica cumprir nosso papel da melhor maneira possível e continuar a caminhada evolutiva sem esperar reciprocidade,

⁶⁰ VIEIRA, Waldo. *Projeiologia*: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano. 5. ed. Rio de Janeiro: IIPC, 2002, p. 352.

⁶¹ BALONA, Málu. *Autocura através da reconciliação*: um estudo prático sobre a afetividade. Rio de Janeiro: IIPC, 2003, p. 260.

⁶² FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos espíritas*: pelo espírito Joanna de Ângelis. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, p. 95.

⁶³ RAMATIS. *A vida humana e o espírito imortal*: obra mediúnica ditada pelo espírito Ramatis ao médium Hercílio Maes. 10. ed. Limeira: Editora do Conhecimento, 2002, p. 172.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 175-176.

⁶⁵ *Ibid.*, loc. cit.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 172.

⁶⁷ *Ibid.*, loc. cit.

reconhecimento, gratidão, retribuição⁶⁸, agradecimento⁶⁹. Krishna chama isso de *renúncia*, a “obra feita com total desinteresse”⁷⁰. “Nunca traz infelicidade nem miséria a ação realizada sem se esperar recompensa”⁷¹, assere Vivekananda. Frisa Joanna de Ângelis:

Não pretendas, portanto, ouropéis enganosos, cortesias especiais, reconhecimento imediato, favoritismo ou, mesmo, entendimento fraternal...

Como não é correto cultivar pessimismo, não é proveitoso sustentar ilusão de qualquer matiz.⁷²

Dilucida a *Epístola aos Colossenses* 3:23: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de bom coração, como para o Senhor e não para os homens.”⁷³ Ressalta Huberto Rohden: “Faze o bem por amor ao bem — dentro de ti mesmo e aos outros.”⁷⁴; “Quem faz com grandeza de alma uma coisa qualquer é grande; quem faz com pequenez de alma essa mesma coisa é pequeno.”⁷⁵ O mesmo pontifica: “Quem sente orgulho ou vanglória em face de algum ato bom prova que ainda vive na ignorância de si mesmo, que ainda não é bom, mas apenas faz o bem.”⁷⁶

Alumia a *Bhagavad Gita* (17:20-22):

⁶⁸ VIEIRA, Waldo. *Manual da proéxis*: programação existencial. 3. ed. Rio de Janeiro: IIPC, 2003, p. 32.

⁶⁹ MARQUES, Adilson. *Dharma-reiki*: fluidoterapia; o aprimoramento espiritual e a caridade como caminhos para a cura. São Carlos: Sirius, 2004, p. 2.

⁷⁰ KRISHNA. *Bhagavad gita*: a sublime canção. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 50. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 164)

⁷¹ VIVEKANANDA, Swami. *Karma-yoga*: a educação da vontade. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2005, p. 68.

⁷² ÂNGELIS, Joanna de. *Leis morais da vida*: psicografado por Divaldo Pereira Franco. 13. ed. Salvador: LEAL, 2004, p. 238.

⁷³ BÍBLIA SAGRADA: edição pastoral-catequética. 154. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2002, p. 1.510.

⁷⁴ CLARET, Martin. *Huberto Rohden*: o formulador da filosofia univérsica. São Paulo: Martin Claret, 1997, p. 57. (Coleção Mensagens Espirituais, v. 12)

⁷⁵ ROHDEN, Huberto. *Novos rumos para a educação*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 87. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 222)

⁷⁶ *Ibid.*, p. 58.

- 20 - Quem dá esmola em tempo e lugar corretos, de espírito alegre e por compaixão, inspirado no senso do dever, sem nada esperar em retribuição — este também é guiado pela sapiência da razão.
- 21 - Quem oferece uma dádiva porque espera lucro ou vantagem, ou quem dá de má vontade e a contragosto — este é vítima da insipiência do intelecto.
- 22 - Quem dá esmola com modos desabridos ou com menosprezo, em tempo e lugar incorretos, ou a pessoas que dela abusarão — este é dominado pela ignorância dos sentidos.⁷⁷

Embasado em *O Evangelho Segundo Mateus* (6:1-4; 8:1-4), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Capítulo XIII, item 3) aconselha “fazer o bem sem ostentação”⁷⁸. Quem ostenta, busca nisso a recompensa da caridade ofertada⁷⁹. Maltrata o amor-próprio do amparado, humilha-o⁸⁰. No mais, corre o risco de se expor à maledicência: a humanidade costuma — muitas vezes com razão — enxergar no aparente bom samaritano o interesseiro dissimulado.

Saudável o cultivo da *caridade anônima*. Digressiona Vivekananda: “Os homens de valor não buscam renome nem celebridade. Abandonam suas ideias ao mundo; não pedem nada para si, nem estabelecem escolas ou sistemas que adotem o seu nome.”⁸¹

Convém prestar assistência com *autocrítica*, avaliando a si próprio, se não está fazendo da assistência ensejo para o ego vir à tona impor verdades em tom moralista de quem se põe acima do assistido, por se achar detentor de maiores méritos evolutivos. “Não tente se

⁷⁷ KRISHNA. *Bhagavad gita*: a sublime canção. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 113-114. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 164)

⁷⁸ KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 212.

⁷⁹ *Ibid.*, loc. cit.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 213.

⁸¹ VIVEKANANDA, Swami. *Karma-yoga*: a educação da vontade. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2005, p. 101.

vangloriar da assistencialidade para não destruíres o que deu tanto trabalho para construir.”⁸²

Pertinente o conselho de André Luiz: “Esquivar-se à suposição de que detém responsabilidades ou missões de avultada transcendência, reconhecendo-se humilde portador de tarefas comuns, conquanto graves e importantes como as de qualquer outra pessoa.”⁸³

Assistência constitui tarefa árdua, porque exige a busca contínua do tarefeiro por *autoconhecimento, autoenfrentamento e autodomínio*, conjugada com análise percuciente de *quem é* o destinatário da assistência, de qual *a forma mais eficaz* de se realizar o auxílio, de acordo com as peculiaridades do caso concreto, em especial do ambiente em que será prestado o amparo e do perfil psicológico do amparado.

Impende o respeito a visões de mundo e a programas encarnatórios diferentes⁸⁴.

Indesejável assistir com vistas a convencer o amparado a se converter em adepto da corrente de pensamento do amparador e a alterar o projeto de vida e os sonhos deste, para se aproximar da programação existencial e dos ideais do amparador.

Desfrutemos da vida intrafísica priorizando a evolução espiritual.

Na medida de nossas possibilidades evolutivas, não desperdicemos as oportunidades de melhoramento íntimo. Invistamos em autoconhecimento, autoenfrentamento, autodomínio e autorrealização.

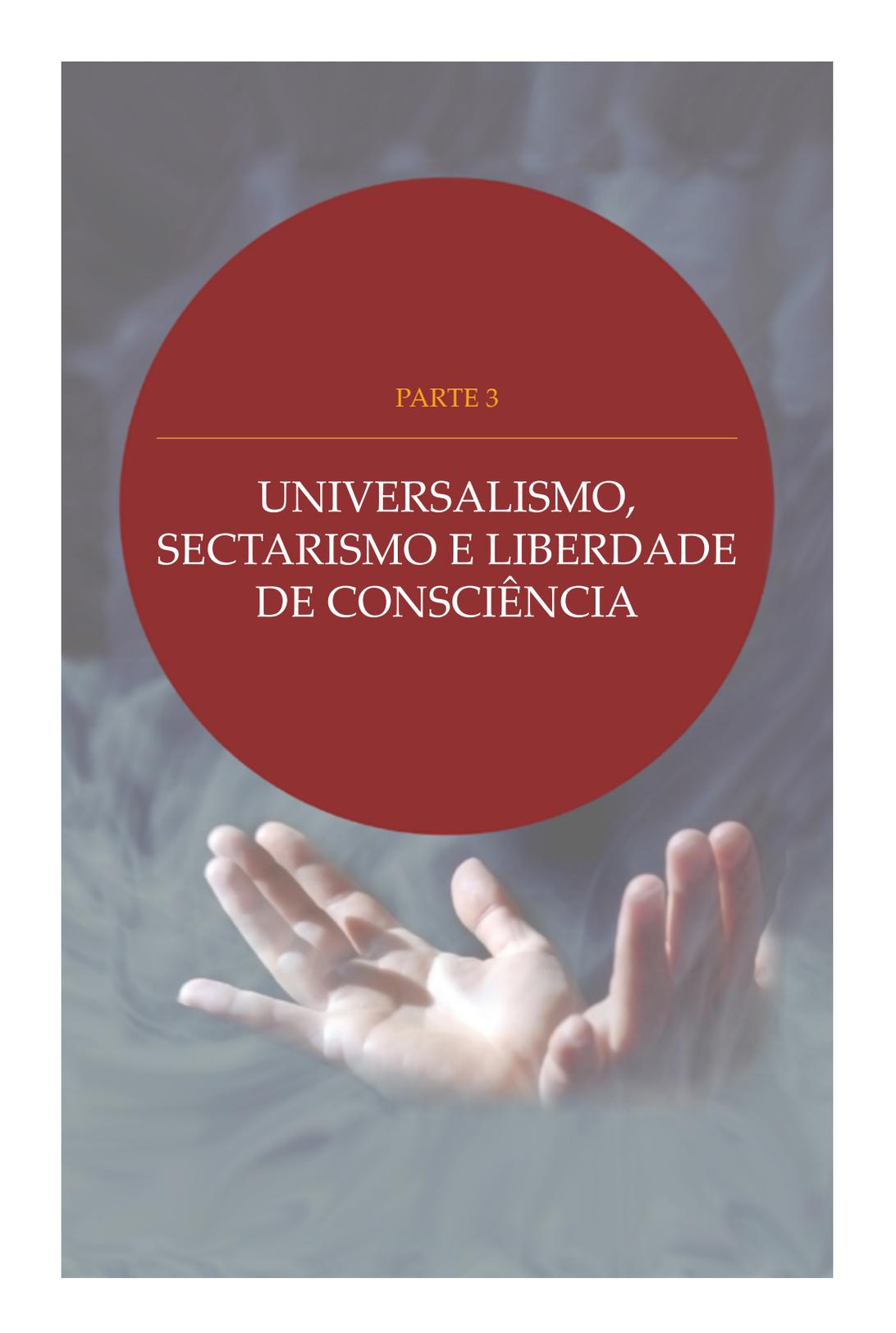
Sejamos solidário, esclarecendo e consolando no lar, no ambiente profissional (ou equivalente) e na sociedade em geral, de modo criterioso e ponderado. “Aproveite a vida, mas não seja fútil. Aproveitar não é se esbaldar, mas assumir as responsabilidades do ser espiritual que você é, quer queira, quer não.”⁸⁵

⁸² ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. *Espiritualmente falando: praticando o amor*. Curitiba: ISC, 2005, p. 28. Disponível em: <<http://www.consciencial.org>>. Acesso em: 15 fev. 2006.

⁸³ VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*: ditado pelo espírito André Luiz. 28 ed. Rio de Janeiro: 2005, FEB, p. 27. (Coleção André Luiz, v. 13)

⁸⁴ RAMATIS. *A vida humana e o espírito imortal*: obra mediúcnica ditada pelo espírito Ramatis ao médium Hercílio Maes. 10. ed. Limeira: Editora do Conhecimento, 2002, p. 175.

⁸⁵ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. Op. cit., loc. cit.



PARTE 3

UNIVERSALISMO,
SECTARISMO E LIBERDADE
DE CONSCIÊNCIA

Como Combater o Fanatismo?

Como combater o fanatismo? Promovendo-se o *esclarecimento*. Mas isso não basta. É necessário ter *compaixão* e *empatia* pela condição humana de quem buscamos esclarecer (*assistencialidade eficaz*). Caso contrário, o esclarecimento se radicaliza. Legítima o excesso oposto. Os “*extremos se tocam*” (grifo nosso)⁸⁶, assinala Hermes Trimegisto.

Se não tivermos cuidado, os exageros ou deficiências de quem discordamos *passam a servir de autojustificativa* para os nossos exageros ou deficiências. Uma espécie de *imunidade recíproca*. Ou uma *relação de simbiose*.

O *sectarismo de um extremo* acaba por se revelar o *principal fator de sobrevivência e crescimento do sectarismo situado em extremo oposto*. Fenômeno comum nos embates entre adeptos de diferentes correntes de pensamento, em todos os campos de expressão cultural da humanidade, bem como nas relações interpessoais e internacionais.

O esclarecimento eficaz e cosmoético se concretiza quando praticado de forma *objetiva* e, ao mesmo tempo, *fraterna*.

Requer *prudência*.

Não somente a prudência de *evitar* ofensas à integridade alheia, de se abster do sarcasmo, do desdém, da maledicência, das críticas corrosivas, da postura leviana, agressiva e contenciosa.

Também a prudência de realmente *ponderar com afincio* sobre a sua própria visão de mundo, valores e comportamento. De se conceder o benefício da dúvida construtiva: “Será que não há nada que

⁸⁶ BLANC, Claudio. O Caibalion. *Vida & Religião*, São Paulo, v. 2, n. 8, p. 19.

eu possa aproveitar do pensamento de quem discordo, em prol do meu melhoramento íntimo?”

Às vezes, um *toque sutil e preciso*, no bojo de uma conduta ponderada e criteriosa, *sobrepuxa*, em eficácia, argumentações sofisticadas e táticas de guerrilha doutrinária.

O Mestre e o Discípulo ⁸⁷

Os indivíduos tendem a eleger o líder espiritual da sua preferência, de acordo com valores, cosmogonia, mentalidade e ideais em comum.

Por vezes, esperando o melhor do seu líder espiritual – em face da incumbência conferida a este de alargar os horizontes conscienciais da humanidade (tarefa de muitos chamados e poucos escolhidos) –, acabam por ignorar as deficiências do mentor ou se sentem traídos na confiança depositada nele de boa-fé.

Esquecem-se de que aquele que tanto trabalha em favor de seus pares também tem sua cota de sombras e luzes, estando aqui para se ajudar, ajudando ao próximo.

É como o filho que, em vez de enxergar os pais como companheiros de jornada evolutiva, idealiza-os: exige deles mais que a condição humana permite, a ponto de condicionar seu amor ao atendimento da pauta de reivindicação.

Da mesma forma que o maior encanto do amor fraterno deve ser a dispensa de reciprocidade, a admiração sincera não merece vir acompanhada de expectativa de perfeição.

⁸⁷ Versão primitiva do artigo publicada na revista *Comciência*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 13. Revisado em 22-23 de junho de 2010.

Dualismos e Paradoxos da Seara Consciencial⁸⁸

I

Materialistas e espiritualistas

Há materialistas que agem como espiritualistas e espiritualistas que agem como materialistas.

Sob o ângulo da evolução da humanidade, mais vale um materialista moderado, honesto e humilde que um espiritualista fanático, ardiloso e arrogante.

Aparentes materialistas, desvinculados do dever de castidade dogmática e abertos à análise descondicionada e despreconceituosa da realidade, muitas vezes acabam evidenciando maior razoabilidade e discernimento que muitos ditos espiritualistas (antimaterialistas), avessos, todavia, ao benefício da dúvida e propensos ao narcisismo dogmático e/ou institucional.

Obtempera Swami Vivekananda:

Para tornar-se religioso, comece sem nenhuma religião, faça sua própria escalada, perceba e contemple os fatos por si mesmo. Quando proceder assim, então, e só então, terá uma religião. Antes disso, você não é melhor que os ateus, talvez seja até pior, porque o ateu é sincero. Ele se levanta e declara: — Nada sei sobre isso — enquanto os outros também não sabem, mas vão adiante batendo no peito: — Somos

⁸⁸ Originalmente, texto finalizado em maio de 2006. Revisado em 30 de junho de 2010. Publicado na *Revista Cristã de Espiritismo*, São Paulo, v. 10, n. 90, mar. 2011, p. 48-49.

peças muito religiosas. Que religião eles professam, ninguém sabe; engoliram alguma história da carochinha e os sacerdotes pediram que nela acreditassem.⁸⁹

É possível que um espiritualista seja tentado a criticar um materialista e afirmar que este, ao renegar a ampliação dos horizontes conscienciais da humanidade (movimento convergente no campo científico, político, artístico e consciencial⁹⁰), renuncia, em certa medida, ao progresso de si próprio⁹¹.

É possível, também, que um espiritualista se sinta propenso a considerar que o materialista, adverso a um olhar espiritual sobre a vida, o universo e a epopeia humana, vive em meio ao vazio existencial de quem nada acha para além do que se encontra visível a olho nu na paisagem do mundo material.

Em que pese serem críticas ponderáveis, o espiritualista deve atinar-se com isto: se, a despeito das limitações do materialismo, o materialista se empenha em viver e tratar os demais com dignidade, em vencer as limitações do egoísmo e em pensar, sentir e agir conforme a *norma de ouro da justiça* (“Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”⁹²), demonstra mais maturidade que o fiel que, sem maiores preocupações com o exercício do autoconhecimento, do autoenfrentamento, do discernimento e do senso crítico, entrega à autoridade eclesiástica a condução de sua existência⁹³.

Pondera Vivekananda:

⁸⁹ VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004, p. 12.

⁹⁰ ELLAM, Jan Val. *Muito além do horizonte: a ligação entre Kardec, Ramatis e Rochester*. 2. ed. São Paulo: Zian, 2005, p. 294.

⁹¹ *Ibid.*, loc. cit.

⁹² Brocardo colhido da seguinte fonte bibliográfica: KELSEN, Hans. *A justiça e o direito natural*. [2. ed.] Coimbra: Almedina, 2001, p. 54. (Coleção Studium)

⁹³ ELLAM, Jan Val. *Muito além do horizonte: a ligação entre Kardec, Ramatis e Rochester*. 2. ed. São Paulo: Zian, 2005, p. 268-269.

E pode um homem jamais ter pisado numa igreja ou mesquita, jamais ter realizado um ritual; se ele sente Deus em seu interior e, dessa forma, ergue-se acima das vaidades mundanas, esse homem é um santo, um bem-aventurado, dê-lhe o nome que quiser.⁹⁴

II

Purismo e sincretismo

Puristas criticam sincréticos, alegando que estes desnaturam e deturpam o real sentido de conceitos e valores religiosos. Sincréticos criticam puristas, sob o argumento de que estes, presos à ortodoxia doutrinária, cristalizariam sua visão de mundo e priorizam controvérsias teológicas em detrimento de questões éticas.

Cada um deve seguir (e ponderar sobre) o caminho que suas necessidades existenciais ditarem, tendo em mente que a rota escolhida não é melhor nem pior que as demais: é apenas a vereda mais propícia ao momento evolutivo em que se encontra.

Cada um tem direito de fazer suas ressalvas e elogios às cosmovisões, correntes de pensamento, ideologias e valores com os quais tem contato.

Contudo, devemos nos precaver contra a tendência humana de se buscar a prevalência de determinada linha de pensamento sobre as demais, baseada, muitas vezes, na percepção de que aquela possuiria o conhecimento mais próximo da verdade e estas, comparadas à primeira, estariam equivocadas e ultrapassadas.

Ao final, continua vigente o mesmo paradoxo: no campo consciencial (independente da corrente de pensamento escolhida), em que tanto se advoga a paz mundial, vicejam tantas e tão intensas contendas.

⁹⁴ VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004, p. 7-8.

“Constatamos assim que nada trouxe mais bênçãos aos homens quanto a religião, nem nada trouxe tanto horror quanto a religião.”⁹⁵

Reflexionam Dalton Campos Roque e Andréa Lúcia da Silva:

Não conheço nenhuma outra área em que os egos sejam tão exacerbados quanto a consciencial (espiritual, bioenergética, religiosa, projetiva, projetiológica, conscienciológica e afins).

É um estigma multimilenar e primitivo que vem arraigado a nossa holomemória ou memória consciencial em forma de orgulho, vaidade e arrogância pretensiosas.

Quando não se deseja convencer os outros que sua linha é a melhor, a única correta e onde existe a “salvação”, arroga-se a superioridade de trilhar uma linha “mais evoluída”, ainda argumentando que não deseja convencer ninguém. Na verdade posturas semelhantes de um mesmo ego religioso exacerbado.⁹⁶

Na seara *consciencial* (a englobar as religiões e as filosofias espiritualistas humanas, assim como as autointituladas *neociências* estudiosas de temáticas extrafísicas), por vezes os indivíduos espom comportamentos próprios de quem se prepara para um conflito armado sectário e dá a si a liberdade de acionar todos os artefatos de defesa do ego disponíveis em seu íntimo, o que patenteia a fragilidade e as incertezas íntimas com as quais a pessoa se defronta, quando instada a elaborar e a expor o seu ponto de vista acerca dos mistérios do universo e da dimensão espiritual ou extrafísica da natureza e do ser.

⁹⁵ VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004, p. 14.

⁹⁶ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. *O karma e suas leis*. Curitiba: ISC, 2004, p. 26. (Coleção Coração da Consciência, v. 1)

Liberdade de Consciência na Espiritualidade Laica e Secular

A sociedade democrática pressupõe *liberdade de consciência*, desdobrada na *liberdade de expressão*.

No Ocidente, enquanto *recrudescer* o fanatismo religioso, *florescer*, em paralelo, a espiritualidade laica e secular, predisposta a linhas de pensamento *ecumênicas* e *universalistas*.

Na espiritualidade laica e secular, à primeira vista viceja espécie de *anarquismo*: incentiva-se o *ser humanizado* (espírito reencarnado na espécie humana) a elaborar sua *própria* visão de mundo e código de conduta, *livre do dever* de se curvar a entendimentos uniformizados por movimentos, instituições e autoridades eclesiásticas ou de poder hierárquico ou persuasivo equivalente.

Na espiritualidade laica e secular, a *liberdade de consciência* e o *pluralismo* possuem tamanha importância a ponto de tornarem *ilegítimas* as modalidades de *censura* explicitamente baseadas no *exclusivismo doutrinário*, na *patrulha ideológica* e no *controle clerical* ou correlato de *moralidade*. Ausentes esses mecanismos tradicionais de repressão à diversidade de opiniões, *predominam duas espécies de censura*:

- (1) a que *veda e suprime críticas técnicas contundentes* ao líder espiritual do grupo, sob pretexto de que são análises anticosmoéticas, porquanto agridem a integridade moral daquele;
- (2) a que se vale da *zombaria agressiva* (sobretudo, a ofensa à honra alheia) para intimidar quem pensa diferente, lastreando-se na necessidade de se valer de todas as estratégias de argumentação disponíveis, a fim de promover o eficaz esclarecimento consciencial.

Por meio do apelo seja à “elegância moral” (leia-se: a abstinência de contestações incisivas, em pontos nevrálgicos), seja ao esclarecimento “bem-humorado” (em verdade, a humilhação de quem se discorda), asfixia-se a liberdade de consciência na espiritualidade laica e secular, o que, muitas vezes, resulta na *inibição do indivíduo realizar o contraponto* perante seus pares e perante a si próprio, vítima de assédios morais e coerções psicológicas *típicos da clássica religiosidade* adepta de dogmas absolutos.

Liderança Espiritual e Ponto de Mutação

O indivíduo, ao notar vícios insanáveis na corrente de pensamento espiritual abraçada, se vê premido entre *duas opções*:

- (a) por apego à zona de conforto psicológica, *permanecer formalmente adepto* da corrente de pensamento espiritual que já não lhe agrada;
- (b) ou, por dever cosmoético com quem divulgou a ideologia da qual hoje diverge e em respeito a si próprio, *dela oficialmente dissentir*.

Se sua consciência moral indica que foi induzido a erro por seu líder espiritual e que você, por sua vez, também induziu outros a erro, ao se associar à corrente de pensamento da qual hoje diverge, é salutar que converta um carma negativo em *dharma*, ou seja, faça da responsabilidade por uma postura deletéria   evolução individual e coletiva a oportunidade para autoassumir a incumbência de atuar, doravante, de forma positiva ao interesse social, naquilo em que deixou a desejar.

Não confundir a *dissidência ideológica lúcida* com a mera *substituição de um sectarismo por outro* nem com a *procura de ensejo* para se vingar de antigos companheiros de senda evolutiva ou lhes alvejar a honra.

Não confundir também *discordância* com *deslealdade*.

A discordância *exercida com dignidade* (moderação e boa-fé, compaixão e empatia pela condição humana) se revela *mais leal* que a concordância bajuladora ou desprovida de discernimento, ao *servir aquela de incentivo* para o criticado ponderar acerca dos excessos e das deficiências do seu comportamento e evitar a repetição de traços negativos de sua personalidade.

O apoiador, ao dissentir, comunica sua divergência ideológica, sofre o impacto da dissensão em seu círculo de amizades e ajusta seu cotidiano à nova conjuntura.

Mais difícil a posição do líder espiritual, quando infere que, ao longo de décadas de ministério público, parcela expressiva de suas palestras e obras ventilou ideias e ideais contrários ao interesse público.

Anos de convicção íntima podem, em poucos dias, se transmutar, perante seus olhos, em sintomas de imprudência e soberba.

O *mea culpa* público e pleno do líder espiritual incurso em grave equívoco se evidencia, do ponto de vista cármico, *menos oneroso* que alimentar o autoengano e o heteroengano mediante desculpas alicerçadas em argumentos doutrinários que, indevidamente, *visam a excluir ou a atenuar sua culpabilidade.*

Uma vez reconhecida a conduta inadequada, o líder espiritual se defronta com a perspectiva de ver sua confissão de culpa resultar na frustração, tristeza, revolta e desnorteio de discípulos que tinham nas verdades a serem desconstruídas por quem as canonizou uma âncora de segurança psicológica.

Ainda assim, *preferível admitir já* os erros constatados a relegar ao futuro imediato e mediato piores complicações cármicas.

As Faces do Discernimento Consciencial⁹⁷

O indivíduo se sente, muitas vezes, no dever moral de criticar a postura que julga inapropriada.

O direito de proferir críticas, imprescindível à sociedade democrática e à evolução consciencial da humanidade, invariavelmente se apresenta como desafio àquele que a profere e que a recebe.

De um lado, o desafio de ser emissor de críticas úteis, ponderadas, movidas por pensamentos e sentimentos sadios, perante a óptica de padrões universais de Ética e razoabilidade.

Por outro lado, o desafio de reagir de forma saudável à crítica recebida, de modo que se possa colher de tais observações o *máximo de utilidade* ao melhoramento íntimo, mediante uma postura de *verdadeira autoavaliação*, que *evite* ou, ao menos, *supere* o discurso de vitimização, os mecanismos de defesa do ego, o rancor e a soberba dissimulados, as limitações, em suma, criadas pela ilusão de grandeza, pelo receio de ver suas âncoras psicológicas desintegradas e pela resistência a questionar, com afinco e sobriedade, os condicionamentos a que se afeiçoou.

Em nome do respeito ao discernimento, à coerência doutrinária e à lealdade aos princípios morais cultivados por si mesmo, o indivíduo adepto de determinada corrente de pensamento espiritual se vê instado a dividir a humanidade entre bons e maus, avançados e atrasados, fiéis e heréticos, lúcidos e incautos, despertos e obsedados, esclarecidos e néscios.

⁹⁷ Versão primitiva publicada na revista *Sexto Sentido*, São Paulo, v. 7, n. 82, p. 40-41.

Nos movimentos e correntes de pensamento espirituais, essa tendência atávica de classificar e categorizar leva o ser a identificar condutas que lhe parecem mistificações, pseudosabedoria, fascinações, “viagens na maionese”, credices pueris. Muitas vezes tais conclusões negativas são ponderadas, ponderáveis e inevitáveis.

Ocorre que, às vezes, *o indivíduo se insurge contra os aspectos deletérios da linha de pensamento de que discorda e se esquece de refletir se nela há algo de positivo, que lhe sirva de subsídio em matéria de reforma íntima e ampliação de horizontes conscienciais*. Prefere a análise percuciente das deficiências da ideologia alheia e, por outro lado, considerações superficiais acerca dos traços positivos de tal corrente de pensamento.

Devemos ponderar mais sobre o conteúdo das obras de temáticas espirituais e *se preocupar menos se o médium é falso ou se o espírito que lhe dita a obra é zombeteiro, porque, ao final, o que interessa é se o teor da obra tem a algo a acrescentar à nossa evolução*.

Muitas vezes, juízos de valor sobre a seriedade de determinados espíritos ou médiuns são condicionados pela adequação ou não do pensamento deles à doutrina com a qual temos afinidade.

Mais relevante que questionar a integridade moral, psíquica e espiritual alheia é questionar *no que as opiniões e vivências alheias podem ser úteis à nossa jornada evolutiva*.

Importante não apenas *aprender com os erros alheios*, mas também saber *apreciar os pontos luminosos* daqueles de quem discordamos, o que, às vezes, é posto em segundo plano, ofuscado pela conveniência e pelo deleite de fulminar a ideologia antípoda.

Essencial exercer nossa missão de vida (ou a que imaginamos que seja) de maneira digna, dentro e fora do lar. Se errar é inevitável, podemos, ao menos, acalentar o ideal de *nos mantermos em harmonia com nossa consciência moral*, contanto que, dia a dia, nos empenhemos, de fato, para alcançar essa finalidade.

As Faces do Espiritualismo Universalista ⁹⁸

O *espiritualismo universalista* tende a ser professado por indivíduos que, após contato com correntes de pensamento reencarnacionistas (como espiritismo, hinduísmo, taoísmo, umbanda e Conscienciologia), perceberam que religião é contingente, dependendo do local e da época em que o espírito reencarna.

O espírita de hoje pode ser o católico de ontem e o universalista do amanhã. (Apenas exemplificação, sem pretensão de esboçar norma geral e obrigatória.)

Perene são as normas éticas cósmicas e a necessidade de cada consciência superar limitações morais, conhecer-se melhor e se tornar mais sábia (inclusive mais amorosa).

O espiritualismo universalista *franqueia a cada um* formular sua síntese de temas conscienciais, colhida dos subsídios auferidos das vivências pessoais e do acervo de conhecimento coletivo.

O universalismo se revela explícito nestas *frases-chave* clássicas: “[...] Universalismo: a filosofia do ‘melhor para todos’”⁹⁹; “Unidade na variedade é o plano da criação”¹⁰⁰; “[...] todo ser humano é um ‘universo’, isto é, uma *unidade* (uni-) que se desdobra em *diversidade* (-verso)”¹⁰¹ (grifos do autor); “Examinai tudo: abraçai o que é bom”¹⁰² (*Primeira Epístola aos Tessalonicenses* 5:21).

⁹⁸ Versão primitiva publicada na revista *Sexto Sentido*, São Paulo, v. 7, n. 83, p. 16-20.

⁹⁹ VIEIRA, Waldo. *Homo sapiens reurbanisatus*. Foz do Iguaçu: CEAEC, 2003, p. 1.023.

¹⁰⁰ VIVEKANANDA, Swami. *Karma-yoga: a educação da vontade*. São Paulo: Pensamento, 2005, p. 27.

¹⁰¹ ROHDEN, Huberto. *Novos rumos para a educação*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 72. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 222)

¹⁰² BÍBLIA SAGRADA: edição pastoral-catequética. 168. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2005, p. 1.514.

As religiões são *meios facultativos* (nunca obrigatórios) para *despertar no ser humanizado* (espírito reencarnado na espécie humana) valores elevados e descamar o envoltório que dificulta o florescimento da essência divina de cada um.

“As organizações religiosas são apenas os meios de o espírito humano expressar a sua natureza divina no mundo exterior da matéria.”¹⁰³

Pressupõe-se que as religiões são *instrumentos opcionais* para a reforma moral íntima e não imposições da espiritualidade.

A evolução espiritual pode ser conquistada dentro e fora das religiões.

Não interessa a doutrina consciencial (alusiva à religião, filosofia espiritualista ou neociência, paraciência ou pseudociência transcendental)¹⁰⁴ escolhida nem a adesão a qualquer doutrina, e sim o efetivo autoaperfeiçoamento.

A nenhum ramo do conhecimento humano se outorgou a incumbência de emissário preferido da Deidade.

Quanto mais diversificadas as leituras, maior a chance de se ter visão ampla da realidade e das veredas propícias à caminhada evolutiva, *reciclando-se* a mentalidade do indivíduo, por meio do *cotejo* de cosmogonias tradicionais com novas expressões da visão humana do universo e se acrescentando à doutrina pessoal achegas de outros movimentos e campos de pesquisa dentro e fora das doutrinas conscienciais.

“O acesso a informações diversificadas cria uma visão de conjunto, opinião própria e de análise, nos tornando mais lúcidos para um direcionamento de vida.”¹⁰⁵

¹⁰³ RAMATÍS. *A vida humana e o espírito imortal*: obra mediúnica ditada pelo espírito Ramatís ao médium Hercílio Maes. 10. ed. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2002, p. 329.

¹⁰⁴ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. *O karma e suas leis*. Curitiba: ISC, 2004, p. 26. (Coleção Coração da Consciência, v. 1)

¹⁰⁵ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. Op. cit., p. 218.

Assim, *evita-se* petrificar a cosmovisão individual e se otimiza a absorção de conhecimentos irradiados de ideologias e cosmogonias *dísparas*.

Em vez de entronizar determinada corrente de pensamento como a mais avançada ou mais próxima da verdade, o espiritualismo universalista *deixa a critério de cada consciência* (espírito) optar pela *alternativa mais adequada às necessidades evolutivas do momento*, insuflando-a a apreciar, de forma *ponderada e sem preconceitos*, o leque de possibilidades disponível, a miríade de contribuições ao esclarecimento da humanidade à *disposição de cada um*.

Se *malconduzido*, o espiritualismo universalista é *murista*¹⁰⁶ (neutro, sem posicionamento determinado sobre questões fundamentais), confuso (amorfo, incoerente, “samba do crioulo doido”) e vazio (estéril, inócuo, banal). Ou serve de palco para correntes de pensamento sectárias que se consideram universalistas, porque se julgam eleitas para levar à humanidade a palavra da “verdade superior”.

Se *bem-conduzido*, o espiritualismo universalista se revela valiosa ferramenta para a compreensão das normas éticas universais e proporciona à humanidade elucidativa análise de temas conscienciais.

A ambiência para o universalismo continua rarefeita.

Há *relativamente poucos* grupos, de fato, universalistas e, mesmo quando o são, remanescem tendências de comportamento (agressividade, sarcasmo ou estreiteza de raciocínio) próprio de quem (por se achar “mais evoluído”, “mais avançado”, “mais experiente”, “mais culto”, “mais espiritualoso”, “mais lúcido”, “mais popular”) se julga no dever de esclarecer a plebe ignara à base de insolentes machadadas verbais. “O sentimento de superioridade por ter mais conhecimento/prova a ignorância de não se possuir sabedoria.”¹⁰⁷

¹⁰⁶ “Universalismo não é *murismo*.” (grifos do autor) Cf. VIEIRA, Waldo. *Manual da proéxis: programação existencial*. 3. ed. Rio de Janeiro: IIPC, 2003, p. 66.

¹⁰⁷ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. *Espiritualmente falando: praticando o amor*. Curitiba: ISC, 2005, p. 35. Disponível em: <<http://www.consciencial.org>>. Acesso em: 15 fev. 2006.

Por outro lado, a aparente arrogância às vezes esconde a angústia por não se fazer inteligível, por ver erros do passado repetidos pela humanidade ou por não ter com quem compartilhar sua visão de mundo.

Comparado com adeptos de outras correntes conscienciais (antimaterialistas), os universalistas (ou aprendizes de universalismo — o que, em verdade, todos somos) são, ao menos por enquanto, *proporcionalmente* mais solitários, com menor espaço para difundir suas ideias sem serem deselegantes, infringirem as normas da organização que frequentam ocasional ou regularmente.

O *universalismo* recebe críticas de todas as partes, porquanto muitos indivíduos, ciosos de sua soberania (manutenção do estilo de vida e cosmovisão), têm o impulso imediato e instintivo de ativar mecanismo preventivo de defesa do ego, ao menor sinal e possibilidade do senso de dignidade ser afrontado, os valores ameaçados e a corrente de pensamento pasteurizada — compreensível reação em face do histórico da humanidade cuja trajetória indica vulnerabilidade a movimentos unificadores de tendências autoritárias.

Mesmo quando há receptividade para propostas universalistas, os que se acham mais esclarecidos às vezes são virulentos ou ridicularizam os que consideram neófitos ou ignorantes.

O espiritualismo universalista, como as demais tentativas humanas de destrinçar os painéis das realidades física e extrafísica, se demonstra pródigo em soberba intelectual, exteriorizada por deboches (refinados ou grosseiros), *repúdio ao diferente* (indiferença ou desprezo eloquente ou críticas acerbas gratuitas e exageradas) e *desapreço pela dignidade alheia* (tentativas de se proferir a última palavra em acalorados debates, procurando-se esvaziar a autoridade moral ou descortinar as fragilidades psíquicas do interlocutor discordante).

Conselho bom não ofende com esclarecimento arrogante e nem consola com hipocrisias afetuosas, mas equilibra os dois [esclarecimento e consolação] no melhor sentido de ponderar e aproveitar o

máximo do contexto das experiências e circunstâncias presentes do emissor e do receptor.¹⁰⁸

Universalismo ainda se mostra virtude rara, porque a maioria dos ramos do pensamento científico renega a espiritualidade e as religiões, filosofias espiritualistas e neociências ou paraciências transcendentais, em regra, têm como discurso subjacente a premissa de que *representam a noção mais próxima da verdade*, a proposta mais adequada para a evolução individual e coletiva.

O divergente tende a ser considerado mais atrasado, obtuso e, muitas vezes, o caminho do delírio e da recalcitrância de equívocos transatos.

Na maioria dos casos, existem, em verdade, não correntes de pensamento universalistas, mas, sim, *propostas de alcance universal*: abarcam toda a humanidade e almejam conformá-la ao conjunto de valores, normas, teorias e procedimentos com o qual se identificam.

Se os religiosos discutissem menos controvérsias teológicas e se importassem mais com as normas de conduta em comum, veriam que, em regra, *comungam dos mesmos valores e prescrevem, em essência, similar receituário comportamental*¹⁰⁹.

Em vez de esquadriharem o essencial ao melhoramento de todos, as hostes conscienciais grassam renhidos debates à exaustão sobre questões tão prioritárias quanto a diferença entre *orar, rezar, fazer prece e doar energias*, a pureza doutrinária das expressões *viagem astral, desdobramento espiritual, emancipação da alma e projeção da consciência* e os distintos graus de lucidez transcendente que espe-lham as locuções *pessoa humana, ser humanizado, espírito reencarnado e consciência intrafísica*.

Ao adepto do espiritualismo universalista incumbe o desafio de ser espiritualista *depurado do sectarismo religioso* (tenha essa postura a

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 61.

¹⁰⁹ KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*: com a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. 3. ed. es. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 23.

roupagem terminológica que tiver, transplantada para que área do saber tiver sido¹¹⁰), sobrepondo-se a picuinhas dogmáticas.

Não adianta arrogar para si o status de universalista, tendo como inquestionável (ou o mais avançado) o posicionamento do seu guru favorito.

Conforme sobressai Ramatis, o ser humano “vinculado incondicionalmente a um credo religioso ou doutrina espiritualista é um robô submisso”¹¹¹ à determinada autoridade hierárquica ou equivalente.

Tendo em conta que muitos se inclinam a considerar a doutrina consciencial de sua predileção como a mais próxima da verdade, petrificam sua visão de mundo (adstrita à idolatria da doutrina consciencial favorita) e esquecem de dar a si o benefício da dúvida de quem reconhece os inevitáveis excessos ou deficiências de qualquer tentativa da humanidade desvelar os mistérios e os recônditos das realidades física e extrafísica.

O espiritualista universalista deve exercitar detida meditação acerca de procedimentos e argumentações do tipo:

- (1) “Sinto muito informar, mas essas ideias e expressões estão ultrapassadas, conforme assinalou nosso estimado pesquisador-chefe em seu conhecido tratado.”
- (2) “Por favor, peço a atenção dos senhores para o conteúdo autêntico da nossa doutrina, que repele ou não prevê esse tipo de pensamento mistificador e obscurantista.”
- (3) “Você está no caminho errado. Nosso guia espiritual, em diversas palestras públicas, esclareceu que essa postura acadêmica de proferir conceitos e classificações transparece materialismo.”
- (4) “Se vierem com ideias bolorentas, seremos grosseiros mesmo. Precisamos preservar a atmosfera psíquica do nosso grupo. Nosso grupo, ame-o ou deixe-o.”

¹¹⁰ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. *O karma e suas leis*. Curitiba: ISC, 2004, p. 26. (Coleção Coração da Consciência, v. 1)

¹¹¹ RAMATÍS. *A vida humana e o espírito imortal*: obra mediúcnica ditada pelo espírito Ramatis ao médium Hercílio Maes. 10. ed. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2002, p. 301.

- (5) “Já não esclareci que esse pensamento é vazio e atrasado?”
- (6) “É assim porque Deus quer. Está escrito. Nosso mentor já o afirmou tanto em livros quanto em palestras. Quem somos nós para questioná-lo?”
- (7) “Se não houver baixaria, não há público.”

Ser adepto do espiritualismo universalista é ter como pressuposto que ninguém no orbe terrestre, por mais esclarecido e bem-orientado que seja, possui ou pertence a grupo que possua o monopólio das verdades de ponta (absolutas ou relativas); que elas, em realidade, estão espraiadas por diversos segmentos do conhecimento (por exemplo, artístico, científico, filosófico e consciencial), cabendo ao verdadeiro cultor (ou melhor, aprendiz) do espiritualismo universalista encontrar pontos de convergência que o levem a verdades universais e o permitam contrastar opiniões dissonantes, com o fito de formular juízo de convencimento pessoal, por meio do qual possa oferecer a si próprio e aos demais interessados respostas mais consistentes acerca de questões existenciais que, naquele dado momento evolutivo, chamam sua atenção.

Disserta Vivekananda: “Haveremos de concluir que o segredo da religião consiste em ser capaz, não só de pensar e repetir todos esses pensamentos mas de realizá-los, descobrir outros, novos e sublimes, nunca antes descobertos, e oferecê-los à sociedade.”¹¹²

No tocante ao *narcisismo doutrinário*, aduz Ramatis:

Qualquer sistema ou seita religiosa que se considere o melhor pesquisador da Verdade é apenas mais um concorrente presunçoso entre os milhares de credos isolacionistas do mundo. O fanatismo, que é próprio do homem inculto, feroz e destrutivo, também se afidalga nas vestes respeitáveis do cientista, do filósofo ou do intelectual já consagrado no academicismo do mundo. A teimosia sistemática, mesmo sob a lógica científica, é sempre um índice de fanatismo, que cria disposição adversa à maturidade dos conceitos novos.¹¹³

¹¹² VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004, p. 10.

¹¹³ RAMATÍS. *Mensagens do astral*: obra mediúcnica ditada pelo espírito Ramatis ao médium Hercílio Maes. 15. ed. Limeira: Editora do Conhecimento, 2003, p. 28.

Embora parcela considerável da humanidade *aceite a diversidade* de ideologias, cosmogonias, opiniões e escolas de pensamento, sente grande dificuldade para transformar *apreço pelo pluralismo* em *prática universalista*, porque isso significaria ser mais um na multidão, sem o privilégio de pertencer a grupo seletivo de indivíduos agraciados com o conhecimento mais genuíno acerca dos mistérios do cosmos e da condição humana.

É uma espécie de *apartheid* dogmático pautado por mentalidade típica desta espécie de pensamento: “Minha corrente de pensamento favorita tem enorme valia. O resto é inferior. Quem pensa diferente, eu lamento dizer, perdeu o juízo ou parou no tempo.”

A Universalidade do Sectarismo

Em humanidade carente de universalismo prevalece a universalidade do sectarismo, tenha este formato niilista, hedonista, diletantista, cientificista, místico, político-ideológico e/ou belicista.

Em humanidade em que se revela deficiente o exercício do autoconhecimento e da autorrealização, na qual parcelas expressivas de seus integrantes tendem à postura desagregadora e contenciosa, inclinados a tornar letra morta, em seus códigos de conduta pessoais, os princípios universais da Ética, predomina dissenso sobre a essência do pano de fundo extrafísico que nos cerca, bem como desnorteio e, muitas vezes, desinteresse sobre a existência ou não de propósito dignificante para a existência humana no plano individual e coletivo.

Nesse contexto, a *necessidade humana de preencher vazios existenciais* em meio à confusão reinante torna o indivíduo propenso a *nutrir sentimento de dogmática religiosidade pela corrente de pensamento predileta*, no campo das religiões e filosofias espiritualistas, das ciências e artes, dos movimentos políticos e ideológicos, dos usos, costumes e modismos.

Uma determinada corrente de pensamento acaba sendo abraçada nem tanto pelos seus fundamentos plausíveis e ponderáveis, mas, principalmente, pela *sensação de bem-estar psicológico propiciada a seus adeptos*, que podem ou não se valer dela para o melhoramento íntimo e a consecução de atividades de relevante interesse social.

No mundo contemporâneo, testemunha tanto da perda de entusiasmo coletivo pelas bandeiras político-ideológicas quanto dos exageros do individualismo da sociedade de consumo, a seara da espiritualidade se revitaliza como escoadouro dos anseios por dias melhores.

Embora a busca pelo desenvolvimento espiritual incentive o *ser humanizado* (espírito reencarnado na espécie humana) a transcender a percepção meramente físico-material da realidade, se houver deslumbramento pela linha de pensamento (religiosa ou espiritualista) escolhida, haverá indisposição para se exercitar o discernimento, ou melhor, *existirá boa vontade para discernir as correntes de pensamento alheias e indiferença para apreciar, com discernimento, a própria corrente de pensamento*, porquanto discernir a sua visão de mundo, por vezes, será considerado mais do que um ato desnecessário, uma prática insensata, comportamento típico de pessoas imaturas.

No âmbito das religiões, filosofias espiritualistas e das propostas de ciências transcendentais, depositam-se as maiores esperanças da humanidade. Em consequência, *nelas as fragilidades humanas se mostram sobremaneira expostas e o discurso corporativista de vitimização encontra solo demasiado fértil*.

Por isso, em tal seara o esclarecimento consciencial direcionado à crítica construtiva deve ser realizado com redobrada cautela, primar pelo apelo à razoabilidade e evitar argumentos voltados a pôr em xeque a integridade moral, psíquica e espiritual do líder espiritual ou “formador de opinião” de quem se diverge, a fim de que *não surta efeito contrário*, isto é, para que o abuso de direito do crítico não se converta (*aos olhos dos fiéis seguidores do criticado*) em legítima justificativa para este manter e exacerbar os excessos e as deficiências ora combatidas por aquele, nem se transforme em ensejo para se criar, em torno do líder espiritual alvejado, cordão de isolamento, como gesto de solidariedade de seus discípulos, forma de gratidão pelos ensinamentos morais trazidos à tona pelo mestre ora espinafraído de forma, à primeira vista, gratuita.

Espiritualismo Universalista, Pluralismo e Respeito à Opinião Divergente ¹¹⁴

“Fiquei pensando: no coração universalista e fraterno, estão as pegadas amorosas de todos os mestres. Em sua atmosfera eclética, não há disputa religiosa nem apelos ignorantes. Nele, todos os passos luminosos são bem-vindos. Não há fanatismo em seu lar, nem a falsa noção de que um mestre é superior a outro.”

— BORGES, Wagner D’Eloy. *Ensinaamentos extrafísicos e projetivos: orientações espirituais de Sanat Khum Maat*. São Paulo: Madras, 2005, p. 62.

O campo *consciencial* aloja conjunto heterogêneo de indivíduos adeptos de visões de mundo *transcendentais* (no sentido de ultrapassarem as fronteiras do materialismo).

Encontramos na seara consciencial cultores de religiões e filosofias espiritualistas, assim como pesquisadores de temáticas extrafísicas, parapsíquicas e correlatas — por exemplo, projeções da consciência (viagens astrais), mediunidade, bioenergias e enfoque multidimensional (intrafísico e extrafísico) da consciência (ou espírito).¹¹⁵

¹¹⁴ Artigo escrito em maio de 2006. Revisado em 26 de junho de 2010. Publicado, com adaptações, sob o título “Espiritualismo universalista”, na *Revista Cristã de Espiritismo*, São Paulo, v. 12, n. 110, p. 32-35, jul. 2014. Também publicado, com adaptações, sob o título “Universalismo: uma perspectiva holística”, na *Caminho Espiritual*, São Paulo, n. 34, p. 62-65, dez. 2014.

¹¹⁵ BORGES, Wagner D’Eloy. *Consciência, filha do eterno*. Disponível em: <<http://www.ippb.org.br>>. Acesso em: 23 fev. 2006.

Ao espiritualista *lato sensu* (antimaterialista) três alternativas se apresentam: (1) aderir à doutrina consciencial preestabelecida; (2) fundar nova doutrina, (3) manter-se livre-pensador.

Não importa a rota escolhida. Importa alcançar o objetivo *imediatu* (reforma íntima) e *mediato* (exercitar o amor universal em sua plenitude).

Salienta Amit Goswami:

O importante é que você tem alguns caminhos à sua escolha, independentemente da tradição a que pertence por nascimento. E não é necessário mudar de religião para seguir um caminho que não é o predominante da sua religião. Como disse Don Juan, o guru de Carlos Castañeda, escolha o caminho do seu coração, porque esse é o caminho que vai transformar você.¹¹⁶

O livre-pensador, quando se identifica com o *espiritualismo universalista*, evita se adstringir à determinada doutrina consciencial.

Prefere extrair de cada ramo do conhecimento aquilo que lhe parece aproveitável naquele momento evolutivo.

Esforça-se para tornar o mosaico de influências pensamento coeso e coerente, embora passível de aperfeiçoamentos.

Vislumbra na prática cotidiana o melhor teste para a consistência de suas convicções.

Lembra que os mentores espirituais da humanidade estão a serviço de todos, em trabalho de sinergia, procurando assistir da forma mais eficaz e menos agressiva à mentalidade de cada segmento da sociedade planetária (“Os ensinamentos do Alto são graduados de conformidade com o senso psicológico proporcional à suportaçã o e compreensão dos seres humanos.”).¹¹⁷

¹¹⁶ GOSWAMI, Amit. *A janela visionária: um guia para a iluminação por um físico quântico*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 179.

¹¹⁷ RAMATIS. *A sobrevivência do espírito: obra mediúcnica ditada pelo espírito Ramatis ao médium Hercílio Maes*. 9. ed. Limeira: Editora do Conhecimento, 2003, p. 263-264.

Nominando-o *homem crístico*, assim Ramatis descreve o espiritualista universalista:

O homem crístico não se vincula com exclusividade a qualquer religião ou doutrina espiritualista; ele vibra com todos os homens nos seus movimentos de ascese espiritual, pois é o adepto incondicional de uma só doutrina ou religião — o Amor Universal!¹¹⁸

À primeira vista, espiritualismo universalista soa sincretismo anárquico.

Anárquico na pior acepção da palavra (“anarquismo caótico”¹¹⁹). Como se deixasse cada indivíduo à deriva.

Em verdade, a ideia não é deixar cada ser exposto a oceano de indefinições, entregue à própria sorte, mas reconhecer que o código de conduta basilar à evolução do espírito já foi decodificado pelas matrizes religiosas da humanidade.

Independente da religião professada (ou não), as normas cosmoéticas vigem para todos.

“Os prodigiosos princípios, o escopo e o plano da religião já foram descobertos há milênios”¹²⁰, observa Swami Vivekananda, o mesmo que alvitra: “Não é importante o que você lê nem os dogmas nos quais acredita, mas o que realiza.”¹²¹

Espiritualismo universalista constitui espécie de *espiritualismo laico* no sentido de se opor à fiscalização clerical ou patrulha doutrinária sobre a liberdade de consciência: o “controle de qualidade” se transfere de instituições e grupos de pessoas para o indivíduo, sob amparo do próprio discernimento, ponderação e capacidade de se reciclar.

¹¹⁸ *Id.* *A vida humana e o espírito imortal*: obra mediúcnica ditada pelo espírito Ramatis ao médium Hercílio Maes. 10 ed. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2002, p. 325.

¹¹⁹ ROHDEN, Huberto. *Novos rumos para a educação*. Martin Claret: 2005, p. 84. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 222)

¹²⁰ VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004, p. 10.

¹²¹ *Ibid.*, p. 7.

O espiritualismo universalista é anárquico na melhor acepção da palavra (“anarquismo cósmico”¹²², reflexo do autogoverno do indivíduo ancorado nas leis cósmicas¹²³).

A verdade é individual e relativa: nenhum ser humano possui o monopólio sobre ela nem procuração para preservar sua castidade.

As iniciativas, deflagradas por meio de cruzadas doutrinárias, de se defender a pureza de dogmas contra investidas de críticos “hereges” e pensadores “ultrapassados” perdem sentido.

Ocultam o desejo de zelar pela supremacia da cosmovisão própria sobre as demais. Denota a falta de maturidade comum à parcela expressiva da humanidade.

Projeta-se em adversários externos a sombra das incertezas internas que se busca asfixiar, exteriorizando-se (ao exagero) veemente fidelidade aos princípios dogmáticos de que se faz cultor¹²⁴.

São inócuas as tentativas de se desconstruir a crença alheia, esvaziar a autoridade moral do líder espiritual de outrem: só alimentam a intolerância e a vã disputa pelo *hors-concours* da escalada evolutiva.

Filiação convicta à dada escola de pensamento apenas ocorre por meio do constante autodescobrimento e autoenfrentamento.

Demonstração de universalismo, maturidade consciencial e postura cosmoética reside em debater sem desrespeitar (por meio do escárnio, desprezo ou virulência, por exemplo) quem discordamos, ainda mais quando temos como interlocutor alguém que, de boa-fé, quer ajudar o próximo, trocar ideias sem pedantismo e, eventualmente, rever seu posicionamento.

Há quem considere que o deboche descontraí o ambiente. É necessário descontraí o ambiente magoando o interlocutor de modo gratuito? O debatedor franco, para se considerar como tal, precisa se municiar do sarcasmo e da arrogância professorais?

¹²² ROHDEN, Huberto. *Op. cit., loc. cit.*

¹²³ ROHDEN, Huberto. *Novos rumos para a educação*. Martin Claret: 2005, p. 84. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 222)

¹²⁴ FRANCO, Divaldo Pereira. *Triunfo pessoal*: ditado pelo espírito de Joanna de Ângelis. 5. ed. Salvador: LEAL, 2004, p. 176.

A tarefa do esclarecimento consciencial, dependendo das nuances do caso concreto, pode justificar palavras enérgicas, se criteriosas e na medida do imprescindível.

Infelizmente, viceja a postura de se servir do carácter impreterível da sensibilização consciencial para se praticar a “política da terra arrasada”, quando a geração nova, ao suceder à antiga, opta por fulminar, por completo, a(s) cosmogonia(s) precedente(s) — reeditando prática iconoclasta de priscas eras — e os novos tarefeiros, cômicos da envergadura de seus encargos, invocam prerrogativas próprias de sumidades, para dilacerar a dignidade de quem deles diverge, como se o eventual conhecimento mais holístico da realidade conferisse licença para alvejar a integridade moral de outrem.

Por vezes, os seres humanos propendem a tão somente substituir “dogmas, preconceitos e convenções envelhecidas e cristalizadas no tempo por outras fórmulas novas, que também escravizam tanto quanto os velhos tabus abandonados!”¹²⁵.

O iconoclasta de hoje pode se tornar, amanhã, protetor fundamentalista do *status quo*, emulando, com novo formato, a prática fanática, sectária e neofóbica que tanto criticou¹²⁶.

Os tarefeiros do esclarecimento consciencial estão lidando com seres humanos, indivíduos em busca da sobrevivência e vida sã e saudável em ambiência fértil em incertezas, hostilidades e desesperança.

Comumente, palavras mal explicadas, frases generalistas e raciocínios precariamente explicitados melindram e chocam sem, contudo, transmitir com eficácia a mensagem de que eram difusores.

Às vezes, não resta alternativa que atingir susceptibilidades como “efeito colateral” da exposição de determinado raciocínio ou juízo de valor.

Por outro lado, em diversas ocasiões, a diferença entre o indispensável e o excessivo se revela assaz tênue.

¹²⁵ RAMATIS. *A vida humana e o espírito imortal*: obra mediúnica ditada pelo espírito Ramatis ao médium Hercílio Maes. 10. ed. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2002, p. 320.

¹²⁶ *Id.*, p. 316.

No entanto, em muitas oportunidades, alternativas tão eficazes quanto a cogitada — porém, menos ofensivas — existem (e também resta tempo hábil para avaliá-las); só não há disposição de considerá-las.

É preciso ter cuidado para não trucidar os valores, as opiniões e as doutrinas dissonantes.

Essa cautela representa medida profilática, a fim de minorar os riscos de que os adeptos das cosmovisões criticadas, impactados com a agressividade das críticas, rejeitem, de pronto, todo o conteúdo transmitido, chocados com agressões desnecessárias e injustificadas.

“A língua que acalenta cria incentivo e motivação, mas a língua que chicoteia e desdenha causa desânimo e discórdia.”¹²⁷

Fanatismo não se combate com fanatismo, nem soberba intelectual se combate com soberba intelectual.

Segundo a sabedoria popular, recorda Adilson Marques, “sempre que tentamos impor o bom caminho aos outros, dele nos afastamos”¹²⁸.

A postura de Jesus, Buda, Chico Xavier e Gandhi denota que a conduta cotidiana amorosa, ponderada, conciliatória, assertiva e solidária é emblema mais eloquente e admirável que o das táticas de guerra doutrinária, que tentam à força cooptar seguidores e neutralizar críticos.

O amor divino nunca abençoa ou autoriza sectarismo, perseguição e soberba¹²⁹.

Não deve o tarefeiro se evadir ao debate nem circunscrever a exposição ao público de juízos de valor incontroversos ou que gozem de relativo consenso social.

A expansão dos horizontes conscienciais da humanidade não se confunde com comodismo.

¹²⁷ ROQUE, Dalton Campos; SILVA, Andréa Lúcia da. *Espiritualmente falando: praticando o amor*. Curitiba: ISC, 2005, p. 17. Disponível em: <<http://www.consciencial.org>>. Acesso em: 15 fev. 2006.

¹²⁸ MARQUES, Adilson. *Dharma-reiki: fluidoterapia; o aprimoramento espiritual e a caridade como caminhos para a cura*. São Carlos: Sirius, 2004, p. 2.

¹²⁹ *Ibid.*, loc. cit.

Porém, convém ter a prudência de não saturar a sociedade com polêmicas inócuas, rompantes de soberba intelectual e declarações cabotinas.

Impende ter em conta “a habilidade de saber discordar sem destruir e o respeito ao próximo acima de tudo”¹³⁰.

Pode-se prezar pela linha de pensamento acolhida, dissentir com veemência, dialogar de forma incisiva, categórica e franca, sem se ferir a dignidade do interlocutor.

Não se deve usar a honestidade de princípios e a sinceridade das próprias palavras como ensejo para humilhar de quem se diverge. Quanto “mais conhecimento, maior a responsabilidade”¹³¹.

Não há privilégio em se desincumbir do esclarecimento consciencial (por intermédio ou não do espiritualismo universalista).

Essa espécie de atribuição constitui, em verdade, oportunidade e meio para os tarefeiros, espíritos carmicamente endividados (como a grande maioria da humanidade), construírem ponte para, no porvir, suas vivências intrafísicas e extrafísicas serem menos presas a dívidas cármicas.

Das críticas, o tarefeiro, na maioria dos casos, pode sorver centelha de utilidade.

Ao ser criticado, em vez de logo pensar em defender, ponto a ponto, suas convicções, calha verificar, primeiro, se não seria o caso de pedir sinceras e humildes desculpas (se perceber que, de fato, cometeu falhas), como quem cumpre dever cosmoético (e não uma concessão para afagar ego alheio), gesto de rara grandeza e coragem, incomum nas diversificadas hostes conscienciais (quer nas organizações religiosas, quer nos grupos espiritualistas e institutos de pesquisas parapsíquicas).

¹³⁰ ELLAM, Jan Val. *Muito além do horizonte: a ligação entre Kardec, Ramatis e Rochester*. 2. ed. São Paulo: Zian, 2005, p. 271.

¹³¹ MARQUES, Adilson. O Reiki segundo o espiritismo. São Carlos, *Cadernos de Animagogia*, n. 3, out. 2005, p. 19.

Por mais que se mudem os rótulos, permanecem vigorosas a soberba intelectual e a fixação de convencer os demais de que o próprio caminho é o melhor¹³².

Mudam-se a roupagem, a cultura e o cenário de uma época, mas o palco (planeta Terra) e os atores são os mesmos, quase sempre apresentando-se no corpo carnal com as mesmas necessidades evolutivas e tendências do passado espiritual.¹³³

Convém ao espiritualista universalista ter em mente que os caminhos escolhidos (por nós e pelos demais) são apenas trilhas opcionais (nunca as únicas válidas) para a consecução da reforma íntima.

Aquele de quem discordamos, por mais equivocado que nos possa parecer, pode estar percebendo algo relevante que nós, por motivos razoáveis ou não (neste caso, embevecidos pela prepotência ou falta de percepção mais acurada, por exemplo), nem temos ideia do que se trata ou capacidade de compreendê-lo no presente momento evolutivo.

Todos, ao longo da jornada evolutiva, mudam de ponto de vista, principalmente em uma quadra marcada por transformações drásticas em espaço de tempo curto e oportunidades de evolução equivalentes ao somatório de inúmeras reencarnações pretéritas terrestres¹³⁴ (*Era da Aceleração Histórica*¹³⁵).

Por vezes, o religioso se sente ventríloquo dos ditames de Deus, o cientista se arvora protetor do conhecimento, do discernimento e da lucidez e o artista se julga o zênite da criatividade humana.

¹³² RAMATIS. *A vida humana e o espírito imortal*: obra mediúcnica ditada pelo espírito Ramatis ao médium Hercílio Maes. 10. ed. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2002, p. 316.

¹³³ ELLAM, Jan Val. *Nos céus da Grécia*: contexto filosófico; diálogos I; obra mediúcnica ditada por diversos espíritos ao médium Jan Val Ellam. 2. ed. Limeira: Editora do Conhecimento, 2000, p. 28-29.

¹³⁴ RAZERA, Graça. *Hiperatividade eficaz*: uma escolha consciente; um estudo conscienciológico sobre o TDAH — Transtorno da Desordem da Atenção e Hiperatividade Infantil. Rio de Janeiro: IIPC, 2001, p. 24.

¹³⁵ VIEIRA, Waldo. *Homo sapiens reurbanisatus*. Foz do Iguaçu: CEAEC, 2003, p. 670.

Continua a humanidade atrás de papéis convincentes e respeitáveis para saciar sua sede por segurança psicológica e sufocar o paiol de dúvidas existenciais de povos que mal têm ideia aonde vão e de onde vêm.

O ser humano, ante o ligeiro pressentimento de que vai ser ferido, muitas vezes prefere agredir pela contundência ferina ou eloquente indiferença, quando não adota expedientes mais ofensivos.

Maturidade não se atesta pelo esforço em confirmar a primazia dos valores, normas, procedimentos, hábitos, ideologia e cosmovisão de que se faz guardião.

Maturidade se comprova pela capacidade de evitar contendas, diminuir intolerâncias, arrefecer animosidades e estabelecer pontos de convergência, em nome da coexistência fraterna e da paz perpétua.

Mais nos acrescenta extrairmos do pensamento divergente ensinamentos proveitosos ao autoaperfeiçoamento do que procurarmos motivos engenhosos para ridicularizá-lo.

Um dos maiores desafio da humanidade do século XXI radica em perceber que consubstancia família planetária e, enxergando-se como tal, colher de cada veio de pensamento humano seiva de utilidade ao bem comum, ao desenvolvimento de condições gerais de vida digna¹³⁶, propícia à autossustentabilidade e à execução eficaz dos projetos reencarnatórios.

Significa pensar mais naquilo que nos aproxima e menos no que nos distancia.

Daí a importância do indivíduo cultivar uma conduta *diplomática* destinada a unir os seus pares em torno de objetivos e atividades de interesse geral da sociedade ou da humanidade, por meio de *vínculos de cooperação* com esteio em *valores humanos*, atrelando a *engenharia política* a causas e intenções em harmonia com a *promoção da dignidade humana*, imbuído da habilidade comunicativa de se fazer

¹³⁶ ELLAM, Jan Val. *Nos céus da Grécia*: contexto filosófico; diálogos I; obra mediúnica ditada por diversos espíritos ao médium Jan Val Ellam. 2. ed. Limeira: Editora do Conhecimento, 2000, p. 67.

inteligível a plateias diversas, da sensibilidade para compreender psiques e mentalidades semelhantes e distantes da sua e cautela com as fragilidades alheias, tendo empatia para entender a condição de outrem antes de cogitar julgá-lo, com o cuidado de se prevenir contra atritos desnecessários, evitar instigar *traços negativos* de outrem e direcionar as energias conscienciais próprias e do entorno ao que, de fato, vem a acrescentar à evolução individual e coletiva.

Por mais que discordemos de outrem, devemos nos esforçar por perscrutar a luz (reluzente ou oculta) daquele de opinião antípoda e deste extrair filete de lucidez valioso à reforma moral individual e coletiva, tendo presente que possuímos a mesma essência divina.

No afã de segregar e isolar, esquece-se, por vezes, que, nas palavras de Lao-Tsé, toda “a pluralidade radica na unidade”¹³⁷ (*Tao Te Ching*, Poema 39). Esquece-se, ainda, diria Marco Aurélio, que no Todo há sempre algo útil à parte¹³⁸.

Cientes de que somos parte do Todo, extraímos de outros segmentos do Todo conhecimentos valiosos ao nosso aperfeiçoamento e auferimos subsídios para a reciclagem íntima, oriundos das transformações (novos acontecimentos) por que passa o Todo.

Sabendo que integramos o Todo, aguçamos a vista para os denominadores comuns conectando cada componente do Todo, por maiores que sejam as aparentes diferenças irreconciliáveis.

Indissociável do Todo, contemplamos plagas distantes deste território que a todos abarca e notamos nos rincões sementes de reflexão que, antes, desconhecíamos e acabam nos servindo, com frequência, de aprendizado e crescimento.

¹³⁷ LAO-TSÉ. *Tao te ching*: o livro que revela Deus. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 103. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 136)

¹³⁸ MARCO AURÉLIO. *Meditações*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 98. (Coleção a Obra-Prima de Cada Autor, v. 70)

Conheça outras publicações da cia do Ebook

ciadoebook.com.br

